

# Livro «a la gorra»

Este é um livro «a la gorra». Eu imprimo e reparto exemplares livremente, com o desejo de que circulem entre os leitores.

O livro é um veículo para minha obra. Se você gosta, pode apoiá-la com uma contribuição voluntária. Esse sistema me permite publicar sem depender da burocrática e incerta indústria editorial.

Existem várias formas de efetuar um pagamento:

- **Em dinheiro**

- **Banco:** o alias é *jmguerrera1*

- **Paypal/Cartão de Crédito:** [paypal.me/jmguerrera](https://paypal.me/jmguerrera)

- **Mercado Pago:** [jmguerrera@gmail.com](mailto:jmguerrera@gmail.com) ou mediante o código QR que pode ser encontrado no meu site.

Se tiver outras ideias, me contate. Obrigado :)

# Os malditos gênios

Juan Manuel Guerrero

Primera edição

*Aos que dão primeiro.*

# Introducción

É junho de 2021.

Me sinto aceso. Levanto a cabeça, olho para o futuro e me pergunto quanto tempo vai durar o impulso. Digo a mim mesmo que não sei, mas agora é a hora de aproveitar e acelerar a todo vapor.

Este é o segundo «livro seleção» que publico. É uma compilação de relatos dos sete livros que escrevi até agora. É difícil não pensar que já qualquer um escreve sete livros. Esta é uma excelente notícia para escritores que se contêm.

Relatos de todos esses livros estão incluídos aqui. Desde os mais recentes como *Os malditos gênios*, até os mais antigos como *O Fugitivo*.

O principal critério de seleção foi a qualidade, sempre a partir da minha própria subjetividade e, sobretudo, dentro das humildes possibilidades disponíveis. Em seguida, a não repetição de histórias com o primeiro «livro seleção». E por fim, a diversidade.

Como de costume, além de gratuito, o livro se publica sob uma licença muito livre de Creative Commons. Isso significa que todos podem imprimi-lo, vendê-lo e ganhar milhões com ele. Se alguém conseguir este último, agradecerei muito que me contem os detalhes da experiência.

Agora que a obrigação de algumas palavras introdutórias foi cumprida, passemos aos relatos de uma vez por todas.

# Expulso do País dos Leitores

Já falamos sobre Jáuregui, o Escritor Expulso. Este é o escritor autônomo que difunde suas obras em diversos espaços públicos da República Argentina. Ou pelo menos, tenta, já que costuma ser intimado a se retirar por guardas, inspetores ou policiais. Essas deportações seriam até desejáveis se tivessem a intenção de alertar os leitores sobre sua literatura, mas, em vez disso, confrontam que a venda ambulante não é permitida, que uma licença municipal ou outros atos arbitrários do tipo são necessários.

Jáuregui se opõe. Primeiro, de maneira elementar e reflexa. Fica firme diante dos executores da ocasião e se recusa a partir. Mas depois, já aquecido, contra-ataca. Passa para a ofensiva, como se fosse uma mola após-pressão, e começa a lançar argumentos sofisticados que ele habilmente tece até construir um verdadeiro argumento político. Interminável, por sinal. Sua oratória nos lembra Fidel Castro, mas é razoável e liberal.

Por dezenas de minutos, Jáuregui expõe sua defesa. Se a garganta estiver forte e lubrificada, grita para que toda a multidão o ouça. Em seu caminho retórico, ele cita todos os tipos de figuras e eventos históricos. Viaja até os tempos remotos evocando Roma, Pérsia e a China antiga. Com excessiva pedagogia, revê suas ascensões, suas glórias e seus declínios. Quando chega às conclusões, se detém em circunstâncias específicas e insiste na importância primordial de aprender suas lições. O que ele chama de «pontos de inflexão históricos».

Os representantes da lei sempre respondem da mesma forma: o subestimam completamente. Eles não chegam a esse ponto diretamente. Primeiro ficam surpresos, depois se entreolham incrédulos e por último, quando já estão cansados de ouvir, advertem seriamente. Usam o olhar, o tom de voz e até mesmo a abordagem física para que sintam a sua inferioridade corporal. Para as armas de vidro de seus discursos, para aqueles trocadilhos pastel sofisticados, a realidade inapelável da força material se opõe a ele; de carne, ossos e outros materiais tangíveis.. E eles o despacham.

Jáuregui não tem escolha a não ser partir. Mas atenção. Nunca, mas nunca, para desistir. Pois é para isso que serve o resto do mundo. Depois de ser banido de um dos espaços que considera seu, passa imediatamente para o próximo. Porque sempre há uma praça de onde resistir.

Se Jáuregui tolera a sucessão interminável de expulsões, não é porque essas disputas de rua sejam importantes em si mesmas. É verdade que as mantém como se fossem as últimas, mas o faz mais como um exercício, como um estudo ou como uma experiência literária. Para nosso escritor, a verdadeira batalha está em um plano superior. E nessa luta transcendental, ele tem uma e apenas uma missão que considera fundamental: escrever.

— A única resistência real — «esclarece» o Escritor Expulso quando menciono que não entendo nada do que ele está dizendo.

Eles podem expulsar Jáuregui de mil ruas, mil parques, mil praias, mas nunca podem tirá-lo tão facilmente do mundo das idéias. Não serão capazes de se livrar sem esforço de suas obsessões, de seus problemas mentais, de sua incapacidade de desistir. Nem de suas listas intermináveis de ideias para escrever, nem de seus rascunhos ininteligíveis, nem de seus livros já publicados. Nem, muito menos, de suas ações.

—«A imagem de si mesmo que um escritor deixa nos outros é parte fundamental de seu trabalho»— Nosso escritor cita Borges para sublinhar a palavra «acionar».

Jáuregui não se importa se o tiram ou não da praça. O que importa para ele é se negar. E se não tem escolha a não ser partir, que seja à força. E se for pela força, que seja apenas para ir para a próxima praça. O importante é nunca ceder. E para o Escritor Expulso sempre há uma maneira de não ceder. Assim de tão insuportável é o nosso escritor.

Mas isso é apenas o começo. Existem muitas outras forças centrífugas que atuam em Jáuregui. Uma em particular é aquela que nos convoca neste escrito. É muito mais geral, compartilhado com a grande maioria de seus concidadãos.

Trata-se da República Argentina. A grande nação americana que um dia os livres do mundo saudaram. O país da excelente educação pública, do avental branco, dos ganhadores do Prêmio Nobel, da ascensão social, das livrarias que abrem à noite. O país dos leitores.

É o mesmo país insano, extorsivo e explosivo, que não para de cair. O país psicopata que se afunda fanaticamente na lama da flagelação,

engolindo cada vez mais lama asfixiante, como uma roda enlouquecida que dá voltas e mais voltas para não chegar a lugar nenhum. O país louco que segue com paixão desenfreada para chafurdar na dolorosa frustração do fracasso, repetidamente, como se sofresse de uma paixão incontrolável pela dor, pela derrota. O país maníaco e insano que volta sempre a cometer os mesmos erros, como um viciado, como se a depressão fosse uma fonte inesgotável de prazer ou como se os seus problemas existenciais, imensuráveis, não lhe permitissem outro caminho senão a autodestruição mais terminal como o único resquício de descanso, de sossego, talvez de salvação.

No entanto, o verdadeiro problema é que o gigante argentino não cai no chão, mas sobre os próprios filhos. São esmagados contra a própria lona. Não têm escolha a não ser se acostumar com uma vida adversa, estressante e pobre. Progresso, esperança ou futuro são privilégios distantes, acessíveis apenas em países normais (não falamos mais dos países centrais, mas apenas dos vizinhos). Ou no passado. O que antes era a essência da nossa pátria torna-se uma utopia. Alguns, para tentar fugir deste destino fatal, decidem emigrar. Quanta tristeza, querida Argentina, quanta! Você, uma terra de imigrantes!

A situação não é fácil para ninguém. Também para os artistas. Mas não se trata de cair na tradicional vitimização que muitos deles tanto gostam de agitar. Esse lamento é apenas um atalho, usado até a saciedade, para justificar falhas pessoais.

— O artista vitimizado não é um artista. O autopoicionamento no centro do infortúnio pode ser tolerável em um atleta, em um político, em um banqueiro, mas não em um artista. Os verdadeiros artistas consideram a fatalidade como parte de seu destino. É um fator essencial de sua natureza, de sua gênese, de sua razão de ser. Não é por outra razão que as sociedades precisam deles (e os toleram). O artista pode ser ignorado, desprezado ou um mártir, mas nunca uma vítima. O verdadeiro artista deve ter a coragem de enfrentar a verdade e mostrá-la até às últimas consequências. E é difícil que tal missão leve a finais felizes. Mas é assim, deve ser. A sofrer, meus amigos. E se não gostarem, abram um quiosque — declara Jáuregui à sombra de uma figueira de sua casa.

Se há uma vítima neste grande colapso azul-celeste e branco, não são os artistas. Eles continuam sendo privilegiados. Ainda são artistas em meio

à desintegração e ao caos. Goste ou não, eles são protagonistas. Devem ser. Se não havia salvação antes, muito menos agora. A sociedade espera e precisa que coloquem sua sensibilidade a serviço da compreensão e da indicação de caminhos. Que tipo de bombeiro se diz vítima no meio de um incêndio? Que tipo de médico afirma ser uma vítima no meio de uma emergência na sala de cirurgia? Que tipo de artista afirma ser vítima em meio a um terremoto existencial?

As verdadeiras vítimas, as únicas, são aqueles que não têm educação, nem saúde, nem justiça, nem podem tê-las. E isso inclui não poder procurá-las em outro lugar.

Jáuregui é uma pessoa privilegiada. Para começar, é um artista. Embora não tenha justiça, tem saúde e educação. E como se não bastasse, também tem a possibilidade de ir embora. Graças ao acaso, tem ancestrais bascos, ou seja, é capaz de gerir a cidadania espanhola com relativa facilidade. E tem feito isso desde o ano passado. Embora seja difícil de entender (ainda), não sente contradição ou remorso por isso.

O telefone toca. A cidadania espanhola está pronta. Basta passar para retirar a documentação hoje à tarde. Jáuregui está comovido. Ele imagina seus avós bascos olhando o mar e pensando na Argentina. Também se imagina olhando para o Río de la Plata. Acreditava que esse momento nunca chegaria. Uma grande parte da liberdade está quase em suas mãos. A partir desse momento, não haverá mais desculpas ao se considerar a emigração. O futuro agora parece mais claro.

Jáuregui revê e adia todas as atividades de seu dia. Nada é, nem era tão importante. Almoça em silêncio enquanto pensa nos anos que virão. Nada será fácil. Revisa sobre a mesa toda a documentação que deve levar e sai de casa.

O bairro Agronomia está mais iluminado do que nunca. Jáuregui segue pela Rua Artigas em direção à Avenida San Martín. Como sempre, chegando na pracinha, concentra sua atenção no terceiro andar do pavilhão 1. Cortázar morava ali. Desta vez, não acha que aquele canto de Buenos Aires seja estranho. Não acha que seja literário. Não acha que coincidências não existam.

Jáuregui chega à parada do 105. Se senta. Olha ao seu redor. As pessoas carregam naturalmente as cruces invisíveis da injustiça. O Escritor Expulso tira um livro de sua mochila. É o volume I das *Cartas Morais a*

*Lucílio*, de Sêneca. Abre o livro da carta 66 e lê: «Deixa-me, Lucílio, fazer uma afirmação mais ousada: partindo do princípio que alguns bens poderiam ser superiores a outros, teria preferido os que parecem sombrios aos moles e delicados. Eu os teria proclamado maiores. Porque é mais meritório superar as dificuldades do que moderar alegrias.»

O 105 parece nunca chegar, assim como o futuro da Argentina. Porém, no final, o ônibus chega.

O atraso significa que 105 está muito cheio. Jáuregui sobe em busca da combinação ideal de licenças e empurrões. O motorista do ônibus grita para os passageiros irem para a parte de trás. «Um passinho para frente!», ordena ao Escritor Expulso. Fecha a porta e arranca. Nosso escritor nunca paga a passagem, basicamente porque não consegue chegar até a máquina e porque o motorista do ônibus tem outras prioridades. Durante a viagem, a massa compacta de passageiros flui para trás, enquanto alguns se desprendem do bolo humano para descer, outros se juntam pela frente. Como um *border collie* experiente, o motorista do ônibus controla seu gado com instruções e gritos, tudo a partir de alguns centímetros quadrados do espelho retrovisor.

Jáuregui não se entrega. Demora dez minutos para descobrir como tirar seu livro. Um cotovelo acerta suas costas, mas com admirável estoicismo senequiano, ele decide que isso tem pouco a ver com sua felicidade. Já na carta 67, lê: «Minha vontade seria manter os tormentos longe de mim; Mas se eu tiver que sofrer com eles, será meu desejo comportar-me no meio deles com força, honestidade e coragem. Por que não devo preferir que a guerra seja evitada? Mas se isso acontecer, meu desejo será suportar com magnanimidade as feridas, a fome e todos os infortúnios que o destino da guerra traz. Não sou tão louco a ponto de querer ficar doente; mas se devo enfrentar a doença, será meu desejo não me comportar com impaciência. Portanto, não é o desapontamento que é desejável, mas a virtude com a qual suportamos o desapontamento.»

Mais cedo ou mais tarde, Jáuregui deve desistir de ler. Há correria dentro do ônibus. Por um momento, ele se sente como em uma zona violenta de um estádio de futebol. O tumulto diminui, mas é melhor ficar alerta, para não perder o livro, a mochila ou a carteira. Já avançado em seu percurso pela Rua Mitre, o 105 para ao chegar a Ayacucho, a duas quadras da Avenida Callao. É a região do Congresso. «Fim da rota!» Grita o



motorista. Lá fora, você pode ouvir os tambores e os fogos de artifício ocasionais. É mais um dia de protestos em Buenos Aires. Os passageiros murmuram e trocam opiniões. O veredicto unânime é que as ruas estão fechadas e o ônibus não pode seguir adiante. Tal relatório pode ter viajado do motorista para o fundo. Aceito o diagnóstico, as pessoas assobiam, bufam, xingam.

— Como se suas vidas não fossem macro complicadas o suficiente, eles também têm que lidar com micro complicações. Na maioria dos casos, apenas para ir trabalhar — lamenta o Escritor Expulso

Jáuregui deixa o grupo para trás. Avança a pé em direção à Plaza del Congreso. Conforme se aproxima, os bombos e vozes de megafone ficam mais altos. As avenidas Callao, Rivadavia e Yrigoyen estão fechadas. Há um cheiro de churrasco de rua. Milhares de pessoas se aglomeram na frente do Congresso. Um bom número deles têm coletes e alguns seguram grandes bandeiras. Nublado a visão, eles parecem formar um exército.

— É tudo um grande equívoco, que também me pertence — reflete, enigmático, o nosso escritor.

Assim que ultrapassa a multidão, Jáuregui entra na praça. Está suja, destroçada, decadente, como a própria Argentina. As pessoas vêm e vão em direção à concentração principal. Antes de deixar a praça, o Escritor Expulso se senta em um banco. Ele não vê, mas está bem perto da estátua *O Pensador* de Rodin. Apoia a mão no queixo e olha para o edifício do Congresso. Um nó cresce em sua garganta.

Procurando escapar da angústia, Jáuregui olha para seu antigo apartamento, onde morava em 2002. Fica do outro lado da rua, na rua Yrigoyen. A ideia de uma grande fraude vem à mente. Remonta àquela época e revive o conflito permanente, as manifestações diárias, as partes ocupadas da praça. De alguma forma, tudo continua igual, ou pior, porque agora se passaram vinte anos. A Argentina é o eterno retorno, a pedra de Sísifo, as ruínas circulares.

— Talvez sejamos apenas literatura — postula o Escritor Expulso.

Ainda sentado na praça, Jáuregui tira o seu livro e lê: «Crês que só são desejáveis os bens que nos são oferecidos através do prazer e do ócio e que recebemos com guirlandas nas portas? Existem certos bens com uma face severa.»

Jáuregui vê diante de si um rosto muito mais que severo. Vê um implacável, com um olhar impiedoso. Perturbado, se levanta e caminha em direção à Avenida de Mayo. Também está fechada. Enquanto caminha, ainda pode notar o passado dourado. Agora está vazia, povoada por lojas fechadas e paredes pintadas. Só resta o consolo de olhar para cima e perceber que as grandes cúpulas permanecem inacessíveis. O sol sempre as ilumina.

Angustiado, Jáuregui chega à Plaza de Mayo. Caminha até a pequena pirâmide central e senta ao lado dela. Olha o prédio da Casa Rosada. Mais do que um nó, uma rosca de páscoa se forma em sua garganta. Quer fugir dessa angústia. Abre seu livro e lê: «Penso no nosso amigo Demétrio, que chama de existência fácil, não perturbada pelos ataques da Fortuna, um “Mar Morto”. Se você não tem nada para despertá-lo e levá-lo à ação, nada que irá testar sua resolução por suas ameaças e hostilidades; se você se reclina em conforto inabalável, não é tranquilidade; é apenas uma calma rasa.»

— E sobre o que vou escrever nos mares mortos da Suécia, Austrália ou Canadá? Mares mortos de outros, que não entendo, que não me pertencem. O que vou fazer com tanta estabilidade, com tanto conforto, com tanto funcionamento? A serviço de que causas colocarei minha força, minha literatura, meus privilégios? Não são estes, talvez, presentes que se recebe para se opor ao avanço imparável da adversidade? Não é uma vida duplamente injusta onde esses dons podem murchar? — se pergunta nosso escritor, olhando para o céu que o entende, que sempre o compreenderá.

Já está quase na hora. Jáuregui se levanta e caminha rapidamente para o escritório anexo do consulado espanhol. Ao chegar, vê uma multidão esperando na rua. Contempla a cena com infinita tristeza. Se aproxima do segurança e explica que tem um turno. Entra. Se apresenta na mesa da entrada, eles o mandam para o segundo andar. Lá, se senta para esperar ser chamado. Abre seu livro e lê: «O estoico Átalo costumava dizer: ‘Eu prefiro que a Fortuna me mantenha em seu acampamento em vez de no luxo, se sou torturado, mas suporto corajosamente, tudo está bem, se morrer, mas morrer corajosamente, também está bem.’»

«Jáuregui», chama um funcionário do consulado. Tem sotaque espanhol. O convida para que se sente à sua mesa. Diz que tudo correu bem. Explica cada um dos papéis que vai entregar, coloca-os em um envelope e

entrega-os a ele. Ele sorri, estende a mão e o parabeniza. De pé, antes de se despedir, pergunta curiosamente para que cidade espanhola pretende mudar-se.

— Para nenhuma, homem — responde o Escritor Expulso antes de se retirar.

Jáuregui sai do prédio com uma mistura de entusiasmo e pesar.

«Mas como que para lugar nenhum?», eu pergunto, sempre eu, Juan Manuel Guerrero.

— Isso mesmo, para lugar nenhum, eu disse. Se consegui a famosa cidadania para algo, não é para ir a lugar nenhum, mas em liberdade absoluta. É muito fácil não ir aonde não se pode. É muito diferente quando você tem todas as possibilidades. Agora minha liberdade é mais ampla, minha convicção é mais forte, minha aposta é mais alta. Minha determinação é maior. Minha palavra é mais poderosa. De jeito nenhum vou embora. De jeito nenhum vou fazer esse favor a eles. De forma alguma vou deixar o campo de jogo livre. De maneira alguma vou deixar para eles o ar que respiro, o silêncio da minha ausência, o espaço do meu corpo de pé adiante. De maneira alguma vou deixar o branco das folhas, a voz das rádios, as cadeiras dos ateneos. Antes, eles terão que me tirar aos golpes ou morto. E ainda assim, na quietude confortável da terra quente, ainda não serão capazes de se livrar de mim. Serei grama e serei flores. Serei uma mulher livre me lendo. Quando o frio for atroz, quando a escuridão for terrível, quando o desconsolo seja tão angustiante que eu não consiga respirar, meus inexplicavelmente queridos compatriotas ainda serão capazes de me abraçar. Acreditarão no que eu digo a eles. Como porta-estandarte olímpico, vou passar a tocha da esperança para eles. Serão eles (e com eles, eu mesmo) quem finalmente recuperarão a sagrada bandeira da liberdade.

Jáuregui pega seu livro. Desta vez, lê em voz alta para que eu possa ouvir: «O fogo me consome, mas sou invencível. Por que esse transe não será desejável? Não porque o fogo me consome, mas porque não me vence. Nada mais excelente que a virtude, nada mais belo; bom e ao mesmo tempo desejável é todo ato executado sob suas ordens<sup>1</sup>.»

# Os malditos gênios

*Para Maria, a siciliana.*

Segundo meu pai, nossa família paterna tem três ramos: os Trovato bons, os Trovato neutros e os Trovato maus. Cada um desses ramos tem referência em um dos três irmãos Trovato, ou seja, meu pai e seus dois irmãos.

Nós somos os Trovato bons. Mamãe, papai e eu. Uma família normal, típica, sem nenhum tipo de extravagância ou atividades interessantes. Tediosos, alguém poderia dizer. Trabalhadores, estudiosos, em algum ponto conservadores.

Os Trovato neutros são os que geralmente chamo de primos e tios. Outra família comum, esquecível, a mais jovem das três. Corretos, de dar a outra face, “gente fina” diria meu pai. Moram em outra cidade e vemos eles algumas vezes por ano, em geral para as festas.

Os Trovato maus são personagens sinistros que não conheço pessoalmente. O único que posso dizer é que são muitos. Os tios maus têm cinco filhos. Moram em uma terceira cidade e nunca os vemos. Não há relação. O pouco que sei sobre eles, me contou meu pai. Seu ressentimento para com eles é irredutível, embora eu nunca tenha entendido completamente o por quê. Na verdade, se tivesse que explicar eu não poderia. Não tenho registro de que alguma vez me fizeram algum mal. Meu pai sempre foge do assunto. Quando menciono suas fugas, promete que algum dia me contará ou, com um tom sombrio premonitório, me diz que “já verei com os meus próprios olhos”.

É sobre essa ameaça velada que hoje estou disposto a falar. Como toda história familiar, é longa e tediosa, sobretudo para os demais. Coitado do próximo que não só deve carregar a sua própria história (e sua própria família!), mas também tem que tolerar a dos outros. Como ainda sou uma pessoa de bem, tentarei de todos os modos limitar-me ao indispensável.

“Parasitas”, era como meu pai chamava os Trovato maus. “Sempre foram”, adicionava, mas segundo seu ponto de vista a questão piorou

quando se encarregaram de cuidar dos avós. Assegurava que com esse pretexto, extorquiram durante muito tempo os culposos Trovato neutros, que cada ano aceitavam mandar mais dinheiro para sua manutenção. Também tentaram nos pressionar, mas por sorte fomos espertos o suficiente para não cair naquela velha armadilha.

— Porque deixamos que os avós vivessem com eles? — perguntei uma vez ao meu pai.

— É o que eles escolheram, temos que respeitar — respondia ele, sem que eu terminasse de aceitar a sua resposta.

— Mas realmente escolheram isso? Você ofereceu para que viessem com a gente?

— Escolheram. Eu sei. Nós estamos muito longe filho. — dizia com um tom paternal, mas acima de tudo com consistência difusa. Logo, mudava de assunto.

Os três ramos da família sempre viveram em relativa harmonia enquanto permaneceram isolados, cada um em sua cidade mediana da Província de Buenos Aires. A tranquilidade, baseada na indiferença, só foi interrompida durante os poucos anos nos quais os avós tinham convivido com os Trovato maus. Logo que os avós faleceram, essa fonte recorrente de conflito desapareceu. O desinteresse mútuo conseguiu restabelecer a mesma civilidade do passado nas relações familiares. As críticas, sobretudo do meu pai para com os Trovato maus, eram dardos abstratos que se lançavam na ausência deles, ou seja, não tinham nenhuma consequência.

Mas a relação de conflito reviveu quando meus tios neutros morreram na estrada. Viajavam de carro, rumo à casa de um parente distante que ainda vivia no interior, quando colidiram de frente com um carro que tinha perdido o controle. Meus priminhos saíram ilesos, mas meus tios neutros morreram no ato. A comoção familiar foi grande, não só pela proximidade com eles, mas também pelas consequências do acidente. Especialmente porque meus priminhos ainda eram muito pequenos e, de repente, tinham ficado órfãos.

Meus tios neutros sempre tiveram uma visão muito avançada. É por isso que não ficamos completamente surpresos quando o advogado nos ligou para informar que tinham deixado um testamento com instruções precisas sobre os passos a seguir. Até uma morte imprevista havia sido contemplada como possibilidade.

O que sim nos surpreendeu foi o que foi ditado pelo testamento. Por um lado, deixavam a custódia legal dos seus filhos aos Trovato maus. Mais uma vez, a realidade atingiu o edifício de julgamentos que eu havia construído com os tijolos de meu pai. Como no caso dos meus avós, as pessoas escolhiam ficar com os tios maus. Como isso poderia ser possível?

Mas isso não era o mais surpreendente. O mais estranho era que todos os bens dos Trovato neutros ficavam no nome dos seus filhos, meus priminhos, mas sob minha administração. Sim, a minha. Não a dos meus pais, não a dos Trovato maus, mas sim a de um jovem inexperiente como eu. Os bens incluíam uma casa, uma conta bancária volumosa e uma maleta cheia de bilhetes de cem dólares (é claro que o testamento não descreveu dessa forma). Porque não tinham deixado essa responsabilidade aos meus pais ou diretamente aos Trovato maus? Qual era o problema com eles?

Meu pai foi invadido por muitas emoções. Sem dúvidas, estava devastado pela morte do seu irmão. Na prática mais objetiva, seu único irmão. Mas além disso estava com muita raiva. Não entendia — e não aceitava — porque haviam deixado a custódia aos Trovato maus. E muito menos entendia porque eles deixaram a administração de seus bens para mim. Era difícil não reconhecer que ele tinha sido deliberadamente colocado de lado. E por isso não se resignava a reconhecer as decisões que emanavam do testamento. No entanto, com o passar dos dias, não teve escolha senão fazer isso.

Fomos ao velório. Pela primeira vez na minha memória, conheci os Trovato maus. Minha expectativa era conhecer uma família cinematográfica da máfia siciliana. Esperava encontrar ternos escuros caros, óculos e vans pretas, olhares fixos e calculistas. Mas, em vez disso, conheci uma família de aldeões. Básica, rudimentar, rural. No velório eram nove: o tio, a tia, os cinco filhos e os dois priminhos neutros.

Havia muito dinamismo, para não dizer descontrole, nos Trovato maus. As crianças corriam e gritavam por todas partes. Os pais não corriam tanto, mas gritavam. A cena se conformava, de fato, com a minha ideia de "o siciliano" (os Trovato nacionais tinham vindo da Sicília), na verdade, isso me fez pensar em um punhado de camponeses *gringos* ou imigrantes recém-chegados à Argentina. Essa impressão se devia, sobretudo, ao fato de não falarem muito bem. Eles comiam consoantes, misturavam algumas palavras e faziam pausas dissonantes. Estas últimas eram condizentes com

suas roupas aleatórias, desarticuladas, além de bastante enrugadas. Devo dizer, isso sim, que pareciam muito limpos.

Era a primeira vez que eu assistia a um velório completo de tão perto. Tudo parecia estranho. Pessoas que nunca haviam visitado meus tios neutros, agora o faziam com enorme comprometimento. E pessoas que decididamente se davam mal se submeteram a dividir esse espaço durante horas apesar de tudo.

À medida que a cerimônia prosseguia, os Trovatos maus pareciam cada vez menos ruins para mim. Mais do que parasitas, pareciam desajeitados. Para ser mais preciso, se encaixam muito bem no conceito de desastre.

Em um momento, meu pai saiu para fumar um cigarro. Eu o segui para conversar com ele. Eu compartilhei minhas primeiras impressões com ele e perguntei por que eles estavam tão azedos com os Trovato maus.

— Filho, não se deixe enganar pelas aparências. Sob aquele borbulhar de boa índole, os seres maquiavélicos se escondem —disse. Logo, como sempre, mudou de assunto. Criticou vários dos participantes. Aproveitou essas desqualificações para expressar novamente sua incompreensão sobre as decisões testamentárias dos Trovato neutros.

Desde o dia do velório, por ordem de meus falecidos tios neutros, comecei a lidar diretamente com os Trovato maus. Meu pai resistiu e tentou impor seus próprios critérios, mas eu não era mais apenas um adolescente. Amparado na memória de meus tios neutros e na viva responsabilidade por meus primos, encontrei forças para colocar meus próprios critérios em primeiro lugar. Claro, isso não me impediu de carregar os preconceitos de meu pai nas costas. Meu orgulho era grande e de forma alguma queria tolerar sua voz me dizendo "Eu te avisei" pelo resto da minha vida.

Estreei meu brilhante papel de administrador com uma visita de vários dias à casa dos Trovato maus. Fui sozinho. Dirigindo até a cidade onde moravam, com a Pampa ao fundo, repassei as infinitas combinações de possibilidades em busca de uma que desse sentido à situação. Não pude encontrá-la.

Cheguei ao encontro com uma atitude decididamente defensiva. Me receberam com uma naturalidade suspeita, com uma hospitalidade quase culpada. Me hospedaram no quarto de visitas. Era enorme e estava preparado com uma dedicação evidente: roupa de cama, toalhas de rosto e

banho. Tudo novo. Apostaria que tinham comprado essas coisas para esta ocasião.

As refeições eram o momento de encontro por excelência. Comemos juntos todos os dias. Com notável dedicação, os Trovato maus prepararam deliciosas receitas sicilianas que — para eles — faziam parte da sagrada tradição familiar. Eu me ofereci para cozinhar algum dia, mas não permitiram. Disseram o que parecia evidente para eles: em Sicília era inconcebível que as visitas cozinhassem.

Talvez era verdade, como dizia meu pai, que os Trovato maus eram nefastos. Mas se fossem, era devido a outros problemas. Comiam excessivamente e com a boca aberta. Falavam, ou gritavam, ao mesmo tempo. Enquanto comíamos (e gritavam), a televisão estava ligada com o volume máximo. O encontro era um caos, embora eu deva admitir que às vezes projetava um certo encanto. A única coisa que faltava era uma toalha de mesa quadriculada vermelha e branca sobre a mesa e uma tarantela tocando de fundo.

Era difícil aceitar que esses personagens caricaturescos eram os reis do mal. A menos, é claro, que o espetáculo bizarro que presenciava todos os dias tivesse sido preparado com uma meticulosidade malévola. Isto é, a menos que cada uma das intervenções engraçadas que aconteceram naquela casa maluca tivesse sido montada pelos meus tios maus com o domínio dos grandes roteiristas da história. A menos que, em resumo, os Trovato maus fossem gênios malditos.

Quanto mais louca se tornava a possibilidade de uma ilusão, de que a coisa toda era uma obra-prima fraudulenta, mais eu me apegava a essa possibilidade. E mais delirantes se tornaram as explicações que encontrei para dar uma categoria de realidade à interpretação criminosa de meus tios maus.

Entrincheirado na mais absoluta desconfiança, esperei com paciência felina que os Trovato maus mencionasse o dinheiro dos meus primos. Afinal de contas, essa era a razão última pela qual eu estava ali. Ou pelo menos era assim que eu via. No entanto, em nenhum momento os Trovato maus mencionaram o dinheiro. Minha estadia transcorria como se fosse um velho costume familiar, um ritual que fazíamos sempre, como convinha à saudáveis famílias sicilianas, como se eu fosse apenas mais um filho, o mais velho, o primogênito, o décimo da família.



Tanto que no último dia da minha estadia ainda não tínhamos conversado sobre dinheiro. Era minha responsabilidade, o motivo da viagem, assim que não tive escolha a não ser propor o assunto incômodo. Disse aos meus tios maus que devíamos falar sobre dinheiro em algum momento antes de minha partida. Eles riram, disseram "que divino" e minimizaram a questão. Deixaram passar. Em alguns minutos, foi esquecido. O que havia de errado com essas pessoas? Tão sutil tinha que ser o engano? Quão longe a montagem deveria ir?

Não tive outra alternativa a não ser insistir. Eles se entreolharam com ternura. Não sabia se eu, com a minha juventude, com minha séria bisonhez, gerei aquele sentimento algodoadado ou se, pelo contrário, confirmaram com aquele olhar cúmplice o bom andamento dos seus planos tortuosos.

— Agora entendo por que meu irmão o escolheu — disse meu tio malvado à esposa com um sorriso compreensivo. Eu não soube como interpretar esse comentário. Dito isso, me propuseram que falássemos mais tarde, quando as (sete) crianças estivessem na escola. Parecia uma ideia muito sensata. Concordei.

Almoçamos cedo. A refeição foi um novo capítulo teatral da minissérie Os Trovato maus. Não pude renunciar à minha surpresa. Estava obsessivamente procurando por uma pista, um passo em falso que me permitisse interromper a incrível tragicomédia. Porém não podia encontrar nada, tudo parecia ser a mais sincera realidade.

Os Trovato maus deixaram a casa para levar as crianças à escola. Pareciam desfrutar muito da caminhada. Carregavam as mochilas dos menores. Sorriam e retroalimentavam a energia infinita das criaturas infatigáveis. Olhava eles da discreta distância de uma janela do primeiro andar, protegida por cortinas de injustificável fosforescência. Tinha pensado em acompanhá-los e ajudá-los, mas no final desisti. O vaudeville do almoço havia exaurido minha cabeça.

A decisão de não acompanhar meus tios maus não me privou de descer, sair de casa e segui-los à distância. Desejava comprovar que a pintura que havia contemplado da janela não desbotava depois do primeiro quarteirão de caminhada. Na quinta quadra confirmei que não, meus tios continuavam com o mesmo e para mim incompreensível, júbilo parental. Havia também a possibilidade de que a ficção fosse em tempo integral e

fosse executada independentemente de tudo, sem descanso, sem especulação, até às últimas consequências.

De volta a casa, realmente não sabia o que fazer. Tinha que esperar o retorno dos meus tios maus. Procurei livros nas diferentes salas, mas não encontrei nenhum. Fui para o meu quarto, me deitei e fiquei olhando para o teto.

Meia hora depois, ouvi do meu quarto a volta dos meus tios maus. Desci ao seu encontro. Eles não só gostaram da caminhada com as crianças, mas agora também gostavam de falar sobre ela. Quando me viram descer, se concentraram em mim. Me perguntaram como estava, o que tinha feito em sua ausência, se queria comer algo. Lembrei a eles que havíamos almoçado a menos de uma hora. Eles riram olhando para cima.

— Certo! — disse minha tia má.

— Vocês acham que podemos falar sobre a questão do dinheiro? — toquei no assunto novamente.

— Claro! — exclamou minha tia. Por que essa mulher estava sempre animada? Por acaso poderia ser feliz o tempo todo?

Sentamos à mesa da sala de jantar. Foi a primeira vez que tive que fazer uma reunião com adultos.

E, ainda por cima, uma familiar que envolvia questões financeiras. Além disso, como se não bastasse, era dinheiro destinado a cuidar dos meus primos neutros, com a memória dos pais deles nas minhas costas. Senti isso como uma responsabilidade enorme e vivi com uma tensão inevitável.

Apesar da hospitalidade aparentemente genuína, não estava pronto para desistir de meu ceticismo. De maneira nenhuma iria pousar dócil nas mãos sempre perigosas da credulidade. Protegido pelas advertências de meu pai, relutei em confiar completamente em qualquer uma das observações registradas até agora. Se houvesse manobras manipulativas que eu não pudesse perceber, inferir ou compreender, era meu dever supor.

Fiz uma longa introdução sobre os princípios que orientaram minhas ações. Era uma forma de me desculpar, mas acima de tudo de alertá-los. Isso não me impediu de buscar o máximo de diplomacia possível. Já atolado na complexidade da minha fala, a inércia me levou a construir um emaranhado de justificativas e esclarecimentos, cada um em consequência do anterior. Se minhas palavras tinham algum tipo de espinha dorsal, minha dissertação tornou-se inválida cedo demais, mas isso não me impediu de

prosseguir. Mergulhei no mar do incompreensível com uma convicção louvável. Enrolado em minhas frases excessivamente indiretas, tive a percepção — o que estou dizendo, certeza absoluta! — de que meus tios maus haviam me perdido quase desde o início. Procurei retomar a planície, repetidamente, mas uma força poderosa, talvez nervosismo, talvez estupidez, talvez ambos, me impediam um pouso de emergência nos campos da simplicidade.

A certa altura, parei. Suspirei profundamente. Tentei esquecer tudo o que havia dito e passei à minha proposta específica:

—Eu gostaria que os fundos sob minha responsabilidade fossem usados exclusivamente para as necessidades mais básicas dos meus priminhos. Em particular, a tudo que tenha a ver com sua educação.

Aparentemente, meus tios maus finalmente entenderam algo do que eu estava tentando dizer a eles. Então eles relaxaram e sorriram.

— Mas claro, Chuave (assim me chamavam), não se preocupe — foi tudo o que me disseram. Eu fiquei em silêncio. Eles também. Não pediram mais detalhes, nem expressaram necessidades eminentes, nem propuseram nenhum tipo de passos a seguir. Dava a impressão de que o assunto estava encerrado para eles, que não davam a mínima.

— Algo mais? — Finalmente, me perguntaram.

— Não, não, isso é tudo — respondi um pouco confuso.

Os Trovato maus se levantaram.

—Vamos preparar algo delicioso para o lanche? — meu tio me perguntou com enorme entusiasmo, esfregando as mãos. Minha tia acompanhou a emoção cruzando as mãos sobre o peito. Era difícil saber se estavam mais emocionados pelo lanche ou por estarem livres das minhas formalidades. Talvez fosse a combinação de ambas. Eles agora podiam voltar à vida real e se dedicar de uma vez por todas aos pequenos prazeres que davam sentido à sua existência.

— Sim, tá bom — aceitei, por inércia.

Meus tios maus fizeram dois bolos. Em seguida, foram resolver alguns negócios e buscar as crianças. Quando voltaram, lanchamos. A dinâmica foi idêntica à dos dias anteriores. Quando terminamos, anunciei que era hora de partir. Eles já sabiam, e ainda assim pareceu que foram pegos de surpresa.

— Mas como assim você vai embora, Chuave? Já? Assim do nada, de repente? — Disse meu tio com uma cara indiscutível de drama. Como um verdadeiro veneno líquido, o drama facial de meu tio se espalhou pelo rosto de minha tia, que também ficou séria e apenada. De seus rostos, escoou para meus priminhos. Um deles começou a chorar. Outros o seguiram. Toda a cena foi marcada por lágrimas e tristeza.

Eu não conseguia acreditar no que estava testemunhando. Era como se eu nunca os tivesse avisado que estava indo embora, ou como se eles tivessem esquecido, ou como se nunca tivessem acreditado em mim. Era inútil explicar para eles que eu já os tinha avisado, que um dia eu tinha que ir embora, que tinha responsabilidades em casa. Meu tio fazia bico. Finalmente concordou, mas me fez prometer que voltaria logo, em voz alta e na frente da multidão de priminhos.

Eu tinha levado alguns maços de notas de cem dólares para as necessidades educacionais que surgissem das minhas conversas com os Trovato maus. Mas nada disso tinha acontecido. E tive a certeza de que isso nunca aconteceria. Pela primeira vez, fui levado pela intuição. Antes de sair, fui ao banheiro. Chamei meu tio de longe. Ele veio. Coloquei ele pra dentro e fechei a porta. Lhe pedi que aceitasse aquele dinheiro que eu trouxera para os meus priminhos e usasse no que achasse necessário, sempre seguindo a prioridade educacional.

— Pare de bobeira, Chuave — me disse, irritado. Eu insisti. Discutimos. No final, ele não teve escolha a não ser aceitá-los.

Ao longo dos anos que se seguiram, mantive minha promessa de visitar regularmente os Trovato maus . Fiz isso apesar do boicote permanente dos meus pais. Com o passar do tempo, minhas visitas estavam sendo mais por desejo que por obrigação. Construí uma amizade duradoura com meus tios maus e com meus primos, que agora são todos adultos. Não lido mais com o dinheiro deles, mas eles sempre me pedem conselhos sobre o assunto.

Conheci muito bem os Trovato maus. Meu pai pode ter razão quando disse que eles eram parasitos. Mas eles eram apenas parasitos do presente, não dos outros. Eu diria que eles desconheciam ou desprezavam o futuro. Eram impulsivos, desorganizados, incapazes de aceitar o amanhã como critério de decisão. Mais do que aproveitadores das coisas alheias, meus tios eram um descontrole administrativo.

Não é difícil para mim viajar no tempo e ver claramente meus tios maus cuidando dos meus avós, transformados em filhos mimados. Imagino-os dando-lhes todos os gostos, sem medir consequências econômicas ou éticas.

No final das contas, talvez meus tios tivessem sido uns malditos gênios. Não, não me refiro aos Trovato maus.<sup>2</sup>

# Estudo de personalidade baseado na manipulação do tablete de manteiga

Não é verdade que não devemos julgar as pessoas. Todos nós fazemos isso, o tempo todo, por razões instintivas de sobrevivência. Na antiguidade, julgar ou não julgar poderia significar manter sua vida ou perdê-la. Na vida urbana atual, as consequências podem ser menos dramáticas, mas não menos úteis. No campo de jogo, julgamos o adversário para saber o quanto devemos nos preocupar. No shopping, julgamos o vendedor para ver se podemos confiar nele. Na vida, julgamos o novo conhecido para saber se abriremos as portas da nossa intimidade. Não julgar seria infantil e perigoso. Julgar e não admitir, demagógico. Em todos os casos, o importante é ter ferramentas objetivas que nos permitam avaliar as pessoas sem cair em preconceitos.

É dessa necessidade humana essencial que surge o *Estudo de Personalidade baseado na manipulação do tablete de manteiga*, também conhecido como o *Estudo* por questões de praticidade.

O Estudo é uma ferramenta que permite conhecer a personalidade de um indivíduo a partir da observação metódica de como ele manuseia um tablete de manteiga novo. Está desenhado inteiramente com base em minhas opiniões pessoais e de modo algum seguindo os passos do método científico, no melhor estilo do Estado argentino, embora com certo toque literário e sem gerar milhões de pobres.

Se o Estudo pode se gabar de alguma coisa, é não ser concessivo. O universo das pessoas estudadas —toda a humanidade— é perfeitamente definido em dois grupos, senão gangues: os dementes e os casos perdidos. A linha tênue que divide essas duas tribos é composta por uma única pessoa: eu mesmo. Embora possa não parecer, isso não significa arbitrariedade, mas sim um ponto de referência muito determinado. Esclarecidos os critérios, não nos demorem mais.

À esquerda do espectro de pessoas estudadas estão os casos perdidos.

Entre os casos perdidos, o primeiro grupo é formado pelos que não comem manteiga. Já dizia minha mãe: «Não confie em quem não come manteiga».

Sem dúvida, os casos perdidos com problemas de saúde encabeçam a lista. Transportam em suas veias um valor muito alto do chamado colesterol ruim. As causas deste número desfavorável são diversas e em todos os casos revelam problemas subjacentes impossíveis de ignorar: sedentarismo, má alimentação, stress. Se continuar cavando, encontrará questões ainda piores: rumo perdido, falta de vontade e ética fraca. Em uma palavra: problemas, e muitos.

De alguma forma relacionado ao anterior, existem os casos perdidos que seguem uma dieta. Pessoas que não comem manteiga, ou muitas outras coisas, para cuidar do seu estado físico, principalmente por questões estéticas. Se os problemas físicos já eram preocupantes, imagine quão piores serão os problemas mentais. Insegurança pessoal, transtornos obsessivos e/ou narcisismo.

Outro grupo notável de casos perdidos é formado por aqueles que não comem manteiga por razões filosóficas. Não foram poucas as vezes, questões muito mais sérias

estão escondidas sob o nobre propósito de proteger os animais, o meio ambiente e/ou o próprio corpo: excesso de tempo livre, desorganização de prioridades e problemas alimentares. E isso quando não estamos falando de inflexibilidade, superioridade moral e autoritarismo. Estamos lidando com pessoas que podem passar dias sem comer se não tiverem seus super alimentos (como a couve), seja por viagem, seca ou guerra. Entre os casos mais preocupantes estão os que compram a manteiga, mas preparam aquela monstruosidade chamada ghee. Uma variante é constituída pelos conspiradores, que veem em quase tudo um plano de destruição e/ou manipulação da humanidade que, claro, inclui os produtores de manteiga (incluindo os menores, como a microempresa rural Bobe Lácteos). Além dos problemas já mencionados, podemos nos deparar com traumas relacionados à paranóia ou ao estudo excessivo das ciências sociais. Muitos de seus membros também aderem ao terraplanismo, antivacunismo e antiantenismo. Apesar do questionamento válido, pertencem aos casos perdidos e não aos dementes.

A continuação estão as pessoas que não gostam de manteiga. Algo, acima de tudo, suspeito. Às vezes, essa declaração implica a adesão secreta a um dos grupos anteriores, uma estratégia astuta que entende as inconveniências conceituais dessa adesão, mas ainda assim opta por não abrir mão dela. Outras vezes esconde algo muito pior: o desgosto, além disso, por iguarias comprovadas como doce de leite, milanesa ou biscoitos champanhe. Se tratam de indivíduos que poderiam nos apunhalar pelas costas a qualquer momento.

Finalmente, há pessoas que não comem manteiga por razões desconhecidas, indefinidas ou inconcebíveis. Embora seja difícil de acreditar, são ainda mais perigosas que as anteriores, por isso é imprescindível ficar longe delas.

Agora passaremos aos casos perdidos que comem manteiga, e que por sinal são muitíssimos. É necessário esclarecer que há elementos que vamos ignorar, não porque não contenham informações valiosas, mas porque podem sofrer variações significativas ao longo do tempo. E se devemos evitar algo em nossa curta vida, é que a passagem do tempo destrua nossa obra (nós? Nós já estamos perdidos). Resumindo, procuro evitar distrações como o tipo de manteiga, a marca ou o local onde você a compra. Em vez disso, procurarei concentrar-me em aspectos muito mais duradouros: como a embalagem é aberta, como a manteiga é cortada, como o corte é aplicado no pão e como a embalagem é fechada.

Talvez a melhor maneira de conhecer uma pessoa, talvez a única, seja colocá-la frente a tarefa de abrir um tablete de manteiga recém-comprado. Vale a pena confirmar que estou me referindo ao clássico tablete de manteiga, cubóide, embrulhado em um papel ajustado cuidadosamente dobrado nas pontas. A primeira chave do cenário é a impossibilidade entrópica de fechar tão bem, uma vez abertas, aquelas pontas de papel dobradas. A embalagem só pode avançar na direção da deterioração. É por isso que a abertura é tão importante. Em grande medida, dementes e casos perdidos diferem na forma como abordam esse desafio.

Parte dos casos perdidos abrem a embalagem inteira na primeira intervenção, ou seja, desdobram todas as pontas da embalagem e esticam todo o papel, deixando-o como base. Simples assim, sem qualquer sinal de preocupação ou culpa. Estamos falando de pessoas que só pensam no presente. Pouco lhes importa que mais tarde não poderão fechá-lo novamente. Embora possa parecer difícil de acreditar, talvez nem sequer cheguem a pensar nessa parte do futuro imediato. Claro, muito menos no resto do futuro que se estende de dez minutos depois até a eternidade. Estamos falando de indivíduos

perigosamente espontâneos, incapazes de realizar tarefas como economizar ou cumprir um horário.

Há casos mais preocupantes. São aqueles que rasgam a embalagem sem nenhum critério, como se fosse o papel de um presente. Para essas "pessoas", o futuro da manteiga não tem nada a ver com o agora. «Tem que haver uma lógica», pensa-se cada vez que presenciamos os procedimentos desses seres de luz ancorados no agora mais imediato. No entanto, não, não há. Não há nada. Cada vez que o abrem, rompem o pacote de uma maneira diferente, destruindo qualquer teoria salvadora que se tente esboçar. Esses indivíduos são diretamente uma ameaça. Desconhecem completamente a palavra planejamento e, conseqüentemente, seu significado e seu exercício.

Uma vez que a manteiga está aberta, é hora de observar como as pessoas a manuseiam. Talvez este seja o momento mais sensível de todo o Estudo.

É um fato inegável que o estômago se revira quando aquelas pessoas que pareciam portar uma certa normalidade, sorridentes, de razoável higiene, não só abrem a manteiga de algumas das formas anteriores, como logo dão início à *carnificina*. Isso mesmo, essa é a imagem: eles se aproximam da manteiga exposta, cheiram e depois a esartejam como se fosse uma raposa atropelada no meio da estrada. Na verdade, o verbo adequado seria *mordiscar*, não tanto pelo significado, mas pela fonética. Esses indivíduos mordiscam o tablete de manteiga impecável e o deixam imperdoavelmente mordiscado. Coletam pedaços de manteiga sem critérios e os aplicam sobre o pão. À medida que as punhaladas no tablete de manteiga acontecem, ele perde sua orgulhosa forma industrial para dar lugar a uma simples monstruosidade, a outro desastre ambiental grosseiro causado por seres humanos. A inferência é bastante óbvia. Esses sujeitos também mordiscam suas próprias vidas e as dos outros. Eles fazem coisas erradas repetidas vezes, sem nunca se conectar com os pedaços-resultados que suas ações geraram.

A maneira de aplicar a manteiga no pão é outra fonte inesgotável de indícios. Em geral, a técnica é muito condicionada pela forma como a manteiga foi cortada. Por exemplo, se a manteiga foi mordiscada e o resultado são pedaços de manteiga, a consequência só pode ser uma: a pressão sucessiva sobre esses pedaços com o objetivo de alisá-los. Por efeito transitivo, a pressão também é exercida sobre a torrada, um pedaço de pão frágil que acaba sempre perfurado, furado, esburacado, com fios de geleia ou doce caindo pela ferida. Assim é a vida dessas pessoas. Uma série de desleixos iniciais que levam a tentativas de endireitamento recorrentes e dolorosas. Esse acúmulo de ajustes se acumula em cima da precariedade tostada da vida, dando origem a um fruto amassado, rachado e quebrado.

É altamente improvável que os mordiscadores – destruidores de torradas e vidas – também não pertençam ao próximo grupo. Estamos falando de pessoas que mancham a manteiga com geléia ou doce, seja porque usam apenas uma faca para tudo ou porque mancham todas as facas que usam. Vistos do outro lado do mundo, eles também mancham doces ou geleias com manteiga. Há poucas coisas no universo tão desmotivadoras quanto encontrar vestígios de doces secos ou geleia na manteiga. Os responsáveis por tal assédio são os mesmos indivíduos que chupam as facas —um verdadeiro crime— e é claro que tendem a transferir essa corrupção para todos os aspectos de suas vidas. Eles deixam o chão do banheiro molhado, entram na casa recém-limpada com os pés enlameados ou convidam personagens ainda mais indesejáveis para comer sem consultar. Tem mais. Essas



criaturas ainda podem dar um passo a mais no caminho interminável da indignidade e deixar aquelas facas infestadas dentro do pote, na toalha de mesa (limpa) ou diretamente cravadas na manteiga. Devemos saber que eles não têm limites e estar preparados para impô-los quando, inevitavelmente, chegar a hora.

Em outra dimensão de casos perdidos, encontramos aqueles que cortam fatias de manteiga muito grossas, daquelas que impressionam. Sobre colchão amarelo costumam colocar uma, duas ou até três camadas adicionais de outros doces e/ou geleias. Pessoas sobrecarregadas, ou transbordantes, que não sabem ou não conseguem se conter. Indivíduos volúveis, epicuristas e inclinados a decepcionar. Nunca devemos depositar nossa confiança, muito menos nosso destino, na proximidade de suas mãos insaciáveis.

A essa altura, não há muito mais o que fazer com a manteiga ou com o que sobrou dela. Restaria apenas torturá-la para que chore. Esgotadas todas as traições possíveis, o esperado seria «fechar» a «embalagem» e guardá-la, se é que tal coisa faz algum sentido no plano da realidade, onde a «embalagem» é verdadeiramente *infechável*. Em grande medida, a impossibilidade de fechar é consequência direta de tê-lo aberto mal. No entanto, o que é verdadeiramente preocupante, o que perturba todos os nossos sistemas sensoriais, não é essa conclusão natural, mas a indiferença, a total falta de remorso exibida pelos casos perdidos em questão.

Por exemplo, um caso perdido pega os pedaços residuais da embalagem — certamente manchados com manteiga, queijo e/ou doces — e os apoia de qualquer jeito contra o que resta da manteiga — certamente também manchada com queijo e/ou doces—. É claro que a embalagem não cobre a manteiga. A manteiga fica exposta de mil maneiras, como um coração ferido. Muito provavelmente, a manteiga e o papel de embrulho se fundam — junto com o queijo e/ou doces — em um bolo que ficará mais forte à medida que esfria na geladeira. A manteiga, a geleia, o doce e o papel já são irreconhecíveis separadamente. São uma pasta única e indivisível. Da próxima vez, ao retomar a manipulação do "tablete de manteiga", os casos perdidos aprofundarão o descontrole ao tentarem arrancar os pedaços de papel da manteiga com suas unhas compridas e sujas, arruinando ainda mais um cenário que já considerávamos terminal. É assim que essas pessoas lidam com o resto de seus assuntos. Não reconhecem os problemas e, portanto, não podem resolvê-los. Mas além disso os acumulam, misturam e sujam até chegar ao ponto do bodoque. Um dia percebem que sua vida é uma bagunça. Todos os seus problemas estão fundidos em um super problema incontrolável. Não é possível desmontar a meada. É tarde demais.

Embora seja difícil de acreditar, existem casos ainda piores. São aqueles que, por impossibilidade (romperam, jogaram fora) ou por conveniência, dispensam a embalagem. Deixam a manteiga descoberta, seja na base de papel ou em um pratinho. A guardam na geladeira de qualquer jeito, expondo a preciosa manteigosidade a que se resseque ou fique manchada pelas coisas que entram e saem lá de dentro. Não é incomum golpeá-la com o fundo das garrafas, banhá-la com algum líquido de uma prateleira mais alta ou jogá-la diretamente no chão. É claro que os casos perdidos não se alteram muito. Limpam um pouco com o dedo, talvez com saliva, e pronto. O perfil é claro: pessoas que não apenas cometem erros irreversíveis, mas os sustentam a qualquer custo, apesar do fato de que as evidências gritam a necessidade de uma mudança.

Por último, para fechar o mundo circense dos casos perdidos, temos aqueles que não guardam a manteiga na geladeira, mas a deixam do lado de fora, sem vacilar, mesmo durante o verão. Não importa se a manteiga derrete como uma vela diante de seus olhos ou se adquire um cheiro rançoso e amarelado. Quando essas pessoas finalmente percebem seu erro, simplesmente colocam a manteiga na geladeira. Não há arrependimentos ou reprovações, apenas negação. Não é estranho que mais tarde acabem com dores de estômago que de nenhum modo relacionam ao montículo de lácteos podres e gordurosos que acabaram de comer. Assim são: negadores.

À direita do espectro, estão os dementes. Personagens sinistros que conseguem gerar uma nostalgia inimaginável pelos casos perdidos, que pelo menos eram simpáticos. Me atrevo dizer que a única coisa boa que resta para um caso perdido é não ser um demente. A um demente, por outro lado, não lhe resta nada .

O indício que melhor delata os dementes é o uso de manteigueira. Estamos lidando com maníacos que mergulham nos detalhes até perder de vista o quadro geral. Pessoas que possuem utensílios como secador de alface, corta gotas e chaleira elétrica. É claro que esses indivíduos fracassam em suas vidas e também o fazem sem saber por quê, mas por razões opostas às dos casos perdidos. Em vez de não se importarem com nada, se importam com tudo. Duas formas opostas de não saber priorizar. Em ambos os casos, uma vez que são verdadeiramente a mesma causa final, os resultados indesejáveis são os mesmos.

Os dementes podem ter diferentes manteigas para diferentes usos, usem manteigueiras ou não. Perturbador. Também podem ter duas torradeiras, dois guarda-chuvas e até duas bicicletas, como se fossem suíços. O diagnóstico é claro como o céu riojano: insegurança, necessidade de controle, neurose.

Outro teste contundente na hora de detectar dementes é observar se as pessoas tiram a manteiga da geladeira «com tempo» para que ela «desentumeça». E se usarem esta última palavra, corra.

Na hora da abertura, o princípio que norteia os dementes baseia-se em afetar o mínimo possível o papel da embalagem. Procuram com anseio que não se rompa, não se enrugue e não se suje. A utopia final é garantir que o pacote permaneça como estava no início após fechá-lo. Para isso, a ideia geral que usam é abrir a embalagem com extremo cuidado, memorizando cada dobra, com o objetivo de dar os passos inversos ao fechá-la. Essas pessoas buscam essa perfeição como se fosse um destino manifesto. Claro que não conseguem, e isso traz consequências óbvias: frustração, insatisfação, depressão. Consequências simples da idealização da realidade, situação que por definição nunca pode ser alcançada.

Um pouco mais realistas, outros dementes usam uma técnica um pouco mais sofisticada. Trata-se de cortar diretamente a embalagem fechada, ou seja, manteiga mais papel. O objetivo é evitar a tarefa cansativa de abrir e fechar a embalagem. Feito o corte, de um lado permanece intacto o tablete de manteiga maior e do outro a porção menor é manipulada. Os problemas com esta técnica são pelo menos dois. A primeira é que devem decidir com antecedência a porção de manteiga que vão comer e dificilmente há volta atrás. No caso de sobrar, terão que comer aquela porção de manteiga à força ou jogá-la fora, enquanto no caso de falta, terão que ficar com o desejo ou correrão o risco de repetir a técnica (com maior esforço dada a embalagem já aberta e a provável necessidade de um corte mais fino). A segunda é a dificuldade de fechar novamente a manteiga e a inexorável

exposição desse lado aberto à ação oxidante do mundo exterior. Para concluir, é importante registrar que essas pessoas vivem na região de fronteira com os casos perdidos. Embora os tenhamos mantido dentro dos dementes, sempre correm o risco de dar um passo errado e cair do outro lado do abismo.

Alguns dementes praticam uma variante da técnica anterior. Não fazem um corte total da embalagem, mas apenas até a base. É bem possível que as pessoas coloquem uma faca afiada na parte superior da manteiga e puxem o papel para que a força na faca produza o corte. Desta forma, a base permanece intacta e certas chances de sucesso no fechamento do pacote são preservadas. O procedimento é tão cheio de manha que é preocupante. Tanto detalhe para um pedaço de manteiga não pode ser inofensivo. Estamos falando de indivíduos que tendem a analisar demais e são propensos a se enredar em seu próprio raciocínio. Muitas vezes são presas fáceis da contradição, da imobilidade e da indecisão.

Uma vez aberta a embalagem, a maioria dos dementes optará por cortar fatias finas de manteiga, que aplicarão sucessiva e contiguamente na torrada. Este procedimento carece de qualquer tipo de interesse ou carisma, algo que não deve de forma alguma surpreender, embora seja preocupante. É o fiel reflexo da vida desses infelizes. Não há sutilezas, nem surpresas, nem aventuras. Uma vida por omissão com todas as letras. Uma passagem anônima pelo mundo. Estamos falando de pessoas que criaram e usam o argumento «para quê? Se estamos bem assim». Essa falta geral de graça se traduz em vazio existencial, autocrítica feroz e ressentimento. E isso sem falar nas dificuldades óbvias quando se trata das relações sociais mais elementares.

Sempre com os mesmos princípios, alguns dementes optam por abordar a abertura do pacote por cima. Abrem cuidadosamente todo o recipiente e expõem a manteiga em sua totalidade. Com o pacote bem aberto, raspam suavemente (se em vez disso arranham, provavelmente estamos ante a um caso perdido) a parte superior da manteiga, consumindo-a de cima para baixo. Como se isso os tornasse melhores pessoas. O caso é diretamente grave se a raspagem procura dar a forma de um «rolinho» na manteiga extraída. São os mesmos indivíduos que compram a manteiga que não vem embrulhada em papel, mas em um recipiente de plástico, uma decisão condenável por si só. Em tudo isso só é possível ver o orgulho expansivo. Torres de marfim, bancos morais, dedos acusadores. Se não gostamos de ser maltratados, não devemos dar nenhuma chance a esses sujeitos.

Uma vez que a manteiga tenha sido aplicada, existe a possibilidade de que os dementes queiram adicionar uma camada de geleia ou doce. Os mais dementes costumam escolher geleia. E se são muito, muito dementes, preferem sabores como de frutas vermelhas. Para cada substância há uma faca ou, pior ainda, uma paleta aplicadora. Em nenhuma hipótese, substâncias se misturam fora da torrada. Tampouco é que se misturam ali, senão que estão bem empilhados um em cima do outro ordenadamente. Se algo falhar no processo, esses indivíduos sofrem de transpiração súbita, ansiedade e taquicardia. São os mesmos sujeitos que têm um produto de limpeza para cada superfície da casa, um saco para cada tipo de lixo e um chá para cada estado de espírito. Em resumo, uns chatos.

Por fim, os dementes coroam todo o procedimento fechando o pacote com relativo sucesso, graças a todos os cuidados nas fases anteriores. Este é o momento chave. É aí onde o demente se consagra ou afunda na mais ardente angústia. A eventual vitória o predispõe a ser otimista para a próxima tarefa hiper protocolizada de seu dia, enquanto a derrota não o assalta apenas pelo mau resultado obtido, mas porque já começa a sofrer com

a difícil situação que terá que enfrentar quando tenha que se encontrar novamente com a embalagem imperfeitamente fechada.

Assim chegamos ao final deste Estudo. A partir deste momento, suas vidas — sim, as suas — não serão mais as mesmas. Não poderão mais ser testemunhas neutras de uma manipulação do tablete de manteiga. Mais ainda, não poderão mais abordar um novo relacionamento sem confrontar com um novo tablete de manteiga aquele ser emergente que busca fazer parte de suas vidas. Não lhes bastará conhecer o signo astrológico do pobre diabo — uma ferramenta muito difusa —, mas precisarão da implacável precisão do Estudo. E está tudo bem, que assim seja. E está bem que eu me alegre disso .

# O eterno dilema (Vida alternativa de Marx I)

*«Não posso satisfazer plenamente  
Os desejos que vibram em meu espírito  
nem gozar do descanso e da calma  
porque um furacão se agita dentro de mim.  
Queria abranger tudo, possuir  
as mais belas dádivas dos deuses,  
penetrar nos segredos da ciência,  
desfrutar dos arcanos das artes.  
Ainda não há limites para minha ousadia  
que me leva a um cansaço sem fim  
E que bane a apatia e o silêncio  
Para o fundo do abismo do nada.  
Não quero viver medrosamente  
suportando o temor aos jugos mesquinhos:  
Revive todos os dias em minhas entranhas  
o fogo do desejo, da ânsia e da ação.»  
Karl Marx, poema*

Karl Heinrich Marx nasceu em 5 de maio de 1818 na cidade alemã de Tréveris.

Foi educado em casa até os doze anos de idade. Em 1830, se tornou um aluno do Instituto de Tréveris.

Cinco anos depois, ingressa na Universidade de Bonn. Embora deseje estudar filosofia e literatura, acaba se inclinando para o direito, em grande parte por pressão do pai, que deseja para o filho uma profissão com boas perspectivas de emprego. Apenas um ano depois, devido às notas baixas, seu pai o obriga a continuar seus estudos na Universidade de Berlim, uma instituição acadêmica muito mais séria e formal. Lá, seus estudos de direito continuam a declinar, assim como seu interesse e confiança na literatura que

produz. Não é para menos. Em vez disso, crescem suas incursões na filosofia e na história.

É dessa época é o poema que encabeça este escrito. Nele se vê com clareza a batalha que cresce dentro de Marx e que não o deixará até o fim de seus dias. É sobre o conflito entre sua intensa vida intelectual e sua profunda necessidade de ação. O eterno dilema entre pensar e fazer, entre desejar e realizar, entre compreender e transformar.

Essa tensão também se manifesta em sua pequena obra Tese sobre Feuerbach, onde expressa sua famosa frase: «Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; agora é preciso transformá-lo». Neste compêndio de breves princípios filosóficos, Marx critica o materialismo antigo como contemplativo e mecanicista; ao idealismo como abstrato, especulativo e ambíguo; e à filosofia em geral como teórica, porque se limita à interpretação passiva do homem e de sua história.

No entanto, ao mesmo tempo, Marx sente a necessidade profunda de compreender a realidade como condição indispensável para agir sobre ela. Tem medo de começar a trabalhar na direção errada, arrastado por diagnósticos imprecisos. Não quer cair no idealismo infundado dos socialistas utópicos, baseado mais em belos desejos do que em fatos concretos demonstráveis. É por isso que busca sustentar suas teorias na fundamentação científica, algo reconhecível em seus trabalhos, para além das críticas posteriores que Popper e outros filósofos farão sobre seus trabalhos.

Marx enfrenta uma encruzilhada difícil de resolver, à medida que o estudo científico da realidade o afunda cada vez mais na leitura, na teoria e na análise, e o afasta da ação que ele tanto deseja realizar. Por um momento, acredita que pode converter-se naquilo que critica. Apesar de confiar em suas convicções (tão difíceis de provar), ele mantém a capacidade de questionar a si mesmo. «São estas leituras, estas reflexões, estes ensaios, atos verdadeiramente transformadores? Esses estudos são uma parte indispensável da ação? Tenho disponível outra maneira de fazer isso? Estou me tornando um contemplativo, um teórico, um abstrato? Posso interpretar este trabalho intelectual como uma forma de ação indireta ou, pelo menos, como um investimento de uma ação futura?». Quanto mais estuda e escreve, mais pesam essas questões.

Em 1841, Marx recebe seu doutorado pela Universidade de Jena. Sua tese defende o ateísmo proposto por Epicuro. Por isso não a apresenta em Berlim, onde os professores são mais conservadores. A conquista, longe de satisfazê-lo, o deprime, pois tem gosto de superficial. Se sente vazio, apesar de ser a maior conquista de sua carreira acadêmica.

A partir dessa insatisfação, Marx começou a perder a confiança em sua tarefa de intelectual. Ele não a abandona, mas para de colocar toda a sua energia nela. Em parte por isso, um ano depois, Marx recusa uma oferta como colunista do *Rheinische Zeitung*, um jornal com sede na cidade de Colônia. Embora possa não saber, essa decisão evitará, no futuro, censuras, perseguições e exílios.

Tendo descartado a mudança, Marx começa a frequentar diferentes grupos de trabalho comunitário em Berlim. Visita refeitórios, grupos de apoio a quem vive nas ruas e comícios de trabalhadores que buscam se organizar para resistir à exploração a que se sentem submetidos pela nascente revolução industrial. Dedicou grande parte de seu tempo a essas atividades durante a década dos anos quarenta.

Essas contribuições diretas trazem algum alívio para sua alma dividida. Pela primeira vez, sente que está fazendo algo concreto. Vê com seus próprios olhos como essas almas esquecidas vivem um pouco melhor graças à sua ajuda. Vê mãos frias agarrando-se a uma caneca quente como um naufrago em um pedaço de madeira. Vê olhos que vibram de novo, não tanto porque agora eles têm um casaco, mas porque a ajuda devolve a confiança na humanidade. Ele vê nos outros assistentes sociais a solidariedade de quem se doa generosamente, sem necessidade (direta, evidente) de o fazer.

No entanto, o agora mitigado martírio de Marx permanece latente em seu âmago. Não é fácil para ele encontrar descanso. Acredita que o mundo continua igualmente mal, apesar de sua ajuda efetiva e material a algumas dezenas de pessoas. Desconfia que sua contribuição seja testemunhal, quase egoísta, uma forma de ignorar o problema geral e sistêmico. Uma forma de se justificar, de acreditar que fez a sua parte e que isso o isenta de responsabilidade pelo resto. Sabe, no fundo, que tem muito mais a dar.

A queda de braço entre o intelectual e o assistente social se intensifica, embora nenhum dos caminhos, nem separados nem juntos, lhe ofereçam trégua. O intelectual tem o potencial de causar um impacto maior,

talvez no futuro ou com a ajuda de outras pessoas, ao custo de talvez não conseguir nada. O assistente social pode ajudar imediatamente, mas de uma forma muito limitada, condenada demais a deixar os problemas do mundo intactos. Até agora, não está convencido de nada do que está fazendo, mas também não vê outras alternativas.

Marx não consegue decidir e avança simultaneamente com os dois lados de sua personalidade até o ponto da exaustão, estresse e doença.

O intelectual precisa cada vez mais de tempo e energia para obter um resultado cujas consequências são incertas. Até agora, sua produção tem sido ignorada por quase todos. Uma das poucas exceções é Friedrich Engels, que em 1849 sugeriu que ele se mudasse para Londres para continuar seus estudos econômicos. Após alguma hesitação, Marx recusa a proposta.

O assistente social, ao contrário, é arrastado pelas urgências dos seus assistidos, que são cada vez mais, têm necessidades crescentes e encontram nele a esperança de um futuro melhor.

A simples dinâmica dos eventos empurra Marx para o assistencialismo social. Escolhe a viabilidade inapelável de hoje ao invés do idealismo incerto de amanhã. E faz isso até o dia de sua morte. A contribuição é modesta para a estatura de suas aspirações, mas enorme para seus assistidos de carne e osso, que cultivam um verdadeiro amor grato por aquele homem barbudo, nobre e orgulhoso. O mesmo que cansa as portas de famílias abastadas e funcionários do Estado para ajudar aquele exército de despossuídos que lotam as ruas de Berlim.

Enquanto isso, o intelectual vai esmaecendo até desaparecer, como também fazem, lenta e silenciosamente, as revoluções do futuro.

Marx morreu inteiramente em 14 de março de 1883.



# As três sombras

« “¿O que são sombras, querido Maverick? ”, perguntou Ludwig.  
“Bem, muito simples, Ludwig, as sombras são o contrário do sol ”,  
respondeu Maverick.»

*Peter Epr, referindo-se a um diálogo apócrifo quando questionado sobre as  
sombras.*

Minha irmã tem três sombras, aquelas regiões pessoais de escuridão onde a luz não chega. Não estou me referindo, apelando para um eufemismo, ao seu inconsciente simbolizado ou outras interpretações psicanalíticas extravagantes. . Nem à exposição da sua humanidade a múltiplas fontes de luz, nem ao seu eventual exercício da antiga arte-entretimento das sombras chinesas, nem a qualquer outro artifício de origem técnica que a envolva. Falo de verdadeiras oclusões, de sombras definidas, próprias e concretas. Seus nomes? Sombra, La Gorda e Corazón de León.

É importante deixar claro, para evitar qualquer tipo de especulação, que todos temos mais de uma sombra. Tenho até certeza de que minha irmã tem mais de três. E seriam ainda mais se contemplássemos as penumbras, aqueles cinzas intermediários que vão da luminosidade mais branca ao mais tenebroso dos pretos.

A diferença entre nós - você e eu - e minha irmã é que ela tem a coragem de aceitar suas sombras e expô-las à luz do dia. E à luz da noite, já que La Gorda e Corazón de León brilham ainda mais quando a escuridão, a quietude e o reflexo reinam. O que quero dizer é que minha irmã não tem muito medo do desconhecido e é a única que pode dizer com autoridade «Eu tenho três sombras».

Não é fácil lidar com as sombras, já sugeria Leonardo: «Sombra e luz. Uma esconde, a outra revela. [...] e a sombra tem mais força do que a luz ». Há que cuidar delas, contê-las e até educá-las. Procurá-las também quando estiverem perdidas ou cuidá-las caso caiam na doença. No caso da minha irmã, talvez o mais difícil seja lidar com o resto das pessoas, que não param

de torturá-la com o assunto, tanto quando falam com ela quanto quando o fazem pelas suas costas. Neste último caso, o martírio é realizado em voz baixa e envolve as teorias mais surpreendentes.

Algumas senhoras idosas, crentes, são as principais impulsionadoras dessas fofocas. Elas associam as três sombras de minha irmã com almas em dor, privadas de um julgamento final, ou com almas errantes cujos corpos foram repentinamente e violentamente extintos. Também sugerem a possibilidade de que esses espíritos errantes não tenham sido admitidos pelo Supremo no céu, nem pela Antiga Serpente no inferno. Um subgrupo teimoso dessas senhoras, de raízes judaico-germânicas conhecidas, insiste em afirmar que minha irmã teria vendido sua sombra ao diabo, como Peter Schlemihl fez uma vez.

Os mais jovens também não economizam teorias de tons condenatórios. Eles afirmam que as sombras de minha irmã expressam seu yin, ou seja, sua impureza, sua opressão ou sua vibração negativa.

Desse modo ridículo, as histórias acusatórias sobre minha irmã se multiplicam além da conta. Me causam uma graça enorme. Como é possível cair nesse absurdo para explicar algo tão elementar como três sombras, simples e inofensivas, chamadas Sombra, La Gorda e Corazón de León? Claro, isso não me impede de sugerir a possível veracidade desses boatos e até mesmo de me incluir neles, de uma distância discreta, com o propósito pouco elevado de aumentar os temores de quem os espalha.

«Tá cara, deixa de dar tantas voltas e começa a falar das três sombras, especialmente daquela que chamam Corazón de León», muitos de vocês, os impacientes, devem pensar, talvez sem medir que esta sede de histórias os coloca à mercê de locutores seriais. Pois bem, o farei, mas não para ceder às suas pressões, mas porque eu também sou um miserável falador sem sombras. E para prová-lo, sob nenhum ponto de vista começarei falando sobre a Corazón de León, mas sim sobre a Sombra.

Sombra é a mais previsível das três. Tem uma semelhança admissível com a mais óbvia das sombras que todos nós temos. Em linhas gerais, poderia servir de base projetada para delinear com pincel a figura de minha

irmã, à imagem e semelhança do mito cativante popularizado por Plínio, o Velho. Eu diria que Sombra é quase trivial. É visível em contraste com a luz, ou seja, podemos vê-la melhor quando expomos minha irmã a algo brilhante como o sol, uma lâmpada elétrica ou uma alma nobre. Quando o dia está ensolarado, sua dimensão varia de maneira bastante consistente com o passar das horas. Digo "bastante" porque é mais relaxada que nossas sombras, as regulares, em grande parte devido à existência de suas companheiras La Gorda e Corazón de León. Graças a elas, Sombra não se sente totalmente responsável pela sombritude da minha irmã e, por isso, assume a sua missão com uma postura que beira o exagero. Tende a ser distraída, imprecisa e impontual. Não é estranho minha irmã começar a andar e ela permanecer parada, geralmente encolhida ou "olhando" para longe. Quando percebe sua falta, acorda nervosa e alcança minha irmã o mais rápido que pode. Essa sombra agitada, correndo atrás de sua dona em alta velocidade, desperta confusão entre os caminhantes que presenciam o fenômeno. Como uma ação reflexa, olham para cima e, diante do vazio que o céu lhes devolve, começam a olhar ao redor em busca de uma resposta ou, pelo menos, de uma cumplicidade. Então, de vez em quando, encontram meus olhos e posso ler neles o medo do inexplicável. Na mesma linha de comportamento, Sombra segue as formas corporais de minha irmã de forma desajeitada e imprecisa; por exemplo, quando exausta, uma mão aberta de minha irmã exposta ao sol pode ser vista no chão como um toco, sem dedos ou outros detalhes de acabamento. Sombra aparece quando a noite cai e não há contraste para projetá-la? Claro que sim. Como o sol, embora não os vejamos, as sombras estão sempre presentes.

Muito diferente é La Gorda. Representa, possivelmente, o recanto mais remoto de minha irmã: sua umbra. Não estou falando sobre artes das trevas ou magia negra, mas sim sobre baixos instintos. Em suas origens, tão remotas como as de minha irmã, La Gorda foi batizada com outro nome, agora esquecido por todos com justiça. Por força de poder descritivo, o novo nome se impôs de forma natural e silenciosa. Graças a ele fica muito mais fácil imaginar o que podemos esperar dessa sombra. O primeiro é uma

paixão clara e forte, algo de que nem todos nós podemos nos orgulhar. Quero dizer, sua paixão por se alimentar. Claro, esta não é a alimentação mais mundana. Por favor, um pouco mais de imaginação! Esse desejo arrebatador é apenas a ponta do *iceberg* de um ser emocional, impulsivo e espontâneo. E, portanto, adorável. Em relação direta com sua fome insaciável, a figura da Gorda transborda a de minha irmã e se expande por uma área desmedida. No inverno, quando se busca as cálidas carícias do sol, é preferível evitar a proximidade de minha irmã. Sem distinguir mais as estações, a Gorda move-se lenta e pesadamente, se arrastando, como se cumprisse uma missão por puro dever. Sua projeção distorcida é absolutamente independente do ângulo entre minha irmã e o feixe de luz em questão. Os movimentos dessa fonte de luz não afetam a percepção de sua figura, nem as superfícies sobre as quais ela se move, geralmente com movimentos fatigados. Devido a essas considerações técnicas, La Gorda é absolutamente inadequada para a prática da arte da medição e levaria à ruína Bohr e Mileto.

Agora que minha liberdade de expressão foi demonstrada, posso finalmente falar sobre Corazón de León. Fazendo jus ao seu nome, é uma sombra impetuosa. Furtivamente ingovernável. Sua presença é solene, com ares imponentes, e seu andar é gracioso, realçado por sua cabeça erguida, plexo aberto e comportamento ativo. Também tem olhos pequenos, quase sempre abertos e um tanto inexpressivos. «Uma sombra com olhos? Mas como você sabe de tudo isso?» Oras, porque eu a vi! Por acaso você já a viu? Então, por favor, um pouco de respeito e paciência! Como corresponderia a uma sombra, Corazón de León costuma seguir minha irmã, mas o faz com uma marcada independência de critérios, como se quisesse deixar claro que isso acontece porque decidiu fazê-lo e não porque é sua obrigação de sombra. Às vezes, de forma bastante censurável, desaparece. Simples assim, senhoras e senhores: Coração de Leão abandona minha irmã e a deixa desalentada, sem uma de suas sombras e sem nenhum outro aviso além do fato consumado. Não há, como no caso de Peter Pan, acidentes indesejáveis ou vontades distorcidas. Minha irmã, uma escritora

finíssima, refuta então, sem saber, as palavras de sua admirada Dore Ashton: "A morte segue os artistas constantemente, como sua sombra." O súbito desaparecimento de Corazón de León altera violentamente minha irmã, que tem sentimentos muito profundos por suas sombras, talvez incompreensíveis para todos nós. Não adianta consolá-la e explicar que Corazón de León retornará em breve, pois aquela sombra irreverente sempre volta. De modo mesquinho, procuro consolá-la destacando-lhe que pelo menos ela mantém suas outras duas sombras. Ela me escuta, olha por um momento para Sombra e para a Gorda e depois volta a chorar sem remédio. A angústia pode durar dias, até que Corazón de León finalmente reaparece.

É verdade, é preciso dizer: minha irmã não está completamente em seu juízo perfeito. Tendo enfatizado sua coragem, é justo mencionar que sua sanidade está, digamos, um tanto comprometida. Não é por menos: imagine como deve ser difícil para alguém lidar com três sombras que a orbitam. O sintoma mais claro desses transtornos mentais é a tendência de humanizar suas sombras. Na maioria das vezes, as trata como se fossem pessoas, falando abertamente com elas. Compartilha reflexões, poemas e até sonhos, embora também lhes pergunte sobre os problemas mais básicos do seu cotidiano. Como bem sabemos, as sombras não falam (ou melhor, não falam tão claramente), por isso é claro que não podem responder. Minha irmã discorda dessa verdade e afirma obter respostas muito claras, geralmente consistentes com seus próprios pontos de vista.

Quando minha irmã fala sobre mim para suas sombras, ela o faz chamando-me de «o tio». Reviro os olhos e suspiro, mas concordo em seguir o jogo, confiando que tanta irreabilidade não acabará me devorando. As sombras confiam na minha irmã e, em grande parte pela transitividade, têm me tomado um afeto sincero e expressivo. Quando eu chego, "voam" para me encontrar, me cercam e, de uma forma sombresca, me celebram. Eu, admito, também aprendi a amá-las.

O delírio insano de minha irmã não impede que seus sentimentos por Sombra, La Gorda e Corazón de León sejam verdadeiros e profundos. Pelo

contrário, o confirma. Afinal, a loucura não é uma parte indispensável do amor?

Houve um dia em que as coisas estavam prestes a mudar para sempre. Mais uma vez, como sempre fazia, Corazón de León desapareceu novamente. O desespero da minha irmã não veio todo junto, mas aos poucos, em parcelas, como uma tortura bem executada. Nos primeiros dias, lidou com suas ansiedades de uma forma bastante aceitável. Bastava cuidar de suas tonturas, vômitos e ataques de pânico. Nada incomum. A coisa realmente séria veio depois, quando (pela primeira vez) os dias se transformaram em semanas e Corazón de León continuava sem aparecer.

Em vão foram os esforços de Sombra e La Gorda (e os meus) para sustentar o espírito devastado da minha irmã. A primeira tentou se concentrar, procurando cobrir com aplicação e determinação o vazio deixado pelo Corazón de León, tanto em torno de minha irmã quanto em sua alma. A segunda, expandindo sua sombria calidez, como um bálsamo, na ferida dolorosa da sua amada dona.

Depois de várias semanas que pareceram anos, quando a situação se tornou insustentável e eu temia um desfecho final e fatal, a Corazón de León voltou, como sempre havia retornado. O reencontro foi comovente. A sombra pródiga veio em pleno «galope», com frenesi desenfreado, como se cada um dos dias de seu desaparecimento tivesse desejado aquele momento. Contradição? Não acredito. Quantas vezes adiamos desejos e sentimentos no altar de uma necessidade - de forma alguma uma razão - que nos retém e nos impele de um abismo interior distante, como a água indispensável no fundo dum poço? Não aprendemos que mesmo o amor mais forte é condicionado por imperativos íntimos e arbitrários, muitas vezes além de nossa compreensão?

Minha irmã, por sua vez, enlouquecia de felicidade. Em um instante, transformou toda a agonia acumulada por semanas em júbilo. Como é necessária a angústia, às vezes, para se sentir pleno!

Eu ... acho que nunca tinha chorado tanto de alegria (de dor, claro que sim ).

As razões para Corazón de León foram e sempre serão desconhecidas, como tantos outros eventos - especialmente os mais sombrios - que escapam à nossa consciência. É sensato aspirar à compreensão de uma sombra? Pois, não, a única coisa sensata é saber um claro-escuro.

Quando o incidente que acabo de contar ficou definitivamente no passado, minha irmã finalmente teve tempo para meditar longamente sobre o ocorrido. Soube então que Eduardo Galeano tinha razão e que, no futuro, voltaria a tê-la. «Sabia que a sombra sempre volta, trazida pelo sol, como um anel em busca do dedo ou uma capa que se desloca em direção ao corpo. [...] E agora, quando está encolhendo, no final dos dias de sua vida, lamenta morrer e deixá-los sem ela.»

# O fugitivo

*Para Fabián.*

Não é difícil obter informações sobre Dagan Zhou. Uma simples pesquisa na Internet permite-nos saber que se trata de um ex-diplomata chinês. Ele é lembrado até hoje por suas crônicas de viagem ao Império Khmer, localizado no território do atual Camboja. Lá, ele serviu à realeza chinesa no final do século XIII. A informação indica ainda que não existem registos oficiais (chineses) desta missão diplomática e que são muito poucas as certezas sobre como decorreram os seus dias após a missão.

As crônicas são intituladas *Os Costumes do Império Khmer* e são chamadas hoje de *Os Costumes do Camboja*. Têm quarenta páginas, apenas um terço do original (páginas ausentes são consideradas perdidas). Neles, Dagan Zhou desenvolve (em uma escrita chinesa clássica, embora com alguns localismos) a descrição mais completa já registrada dos costumes diários dos habitantes de Angkor, a capital do poderoso Império. É considerada a maior cidade do mundo até os tempos da Revolução Industrial. Estima-se que tinha um milhão de habitantes e que seus templos por si só exigiam mais material do que todas as pirâmides egípcias juntas.

Dagan Zhou também descreve em detalhes os magníficos Templos de Angkor e faz uma parada no famoso templo de Angkor Wat. Destaca sobre ele que «segundo as sábias instruções do Rei Khmer, se orienta para o Oeste, de costas para o amanhã (nascer do sol), em oposição diametral a todos os outros templos, seus construtores (os reis anteriores) e a todas as velhas ideias fundamentais (sobre Deus, Morte e Tempo)». Devido à falta do documento original completo, a sutil citação consegue passar despercebida, mesmo pelos estudiosos modernos. O rei Suryavarman II, construtor de Angkor Wat, foi o primeiro dos reis Khmer a acreditar — ou saber — que o tempo poderia ser percorrido arbitrariamente, inclusive na direção do passado. Não há menção, no entanto, sobre as adversidades desencadeadas pela ousadia de fazer essa viagem.



Com um pouco mais de estudo também pode-se saber que Dagan Zhou foi portador de outros nomes, como Zhou Jianguan, Zhou Dake ou Cao Ting Yimin (ou seja, O Interno do Pátio de Telhado de Palha). No entanto, não se sabe que cada nome correspondeu a uma época, lugar e grupo de pessoas diferentes e independentes (se algo assim é realmente possível). E que havia pelo menos tantas outras identidades quanto a duração do apogeu da China antiga permite: Mei Ling Zhou, Zhou Akame, Zhou Lin, etc.

Eu poderia continuar falando de Dagan Zhou como mero recurso de entretenimento, não fosse o fato de ter em minhas mãos outro documento, desconhecido pela maioria, intitulado *Um Registro de Mutul, a Terra e Sua Gente*. Nele, são descritos os costumes diários dos habitantes do Reino de Mutul, um dos reinos mais poderosos do mundo maia. Em particular, da cidade de Yax Mutul (a grande capital, hoje conhecida como Tikal) e seus majestosos templos piramidais. As crônicas consistem em cerca de cem páginas. A escrita é maia, mas de uma variante primitiva da costa do Pacífico (quer dizer, diferente do ístmico que predominava no Reino) e seu autor é Zazil Ha (isto é, Princesa da Água). Não há mais informações sobre o autor, sobre a motivação da obra ou sobre textos relacionados, uma vez que essas crônicas constituem um dos poucos documentos maias que sobreviveram à destruição geral perpetrada pelos espanhóis, juntamente com o Códice de Madrid, o Códice de Dresden, o Paris Codex e as páginas isoladas do Grolier Codex, cuja autenticidade é injustamente discutida.

Assim como Dagan Zhou descreve os templos de Angkor, Zazil Ha faz um relato detalhado dos templos piramidais de Tikal. Em particular, os «complexos piramidais gêmeos» cativam a sua atenção, pirâmides construídas aos pares, frente a frente, das quais existem nove. E dentro desse grupo, ele pára especificamente no Complexo Yaxhá, menor e construído fora da cidade (cerca de 30 km), que — de acordo com suas próprias palavras — «É o único dos nove que vira as costas para o amanhã."».

A mera coincidência de metáforas sobre um assunto tão específico não é apenas improvável. A estrutura das crônicas, o estilo de narrativa e os aspectos que atraem a atenção de Zazil Ha são de uma semelhança condenatória com os de Dagan Zhou. A diferença mais notável pode ser

encontrada nas datas. As crônicas Mutul do primeiro datam de 546, enquanto as do Império Khmer do segundo datam de 1297.

Com muito menos consistência, outros personagens podem ser adicionados à corrente humana que tem seus elos mais fortes em Dagan Zhou e Zazil Ha. Esses caracteres (se é que o plural pode ser aplicável), por ora secundários, são posteriores no tempo e podem ser rastreados em Roma, Londres e, mais recentemente, em Nova York.

Se a história nos ensina alguma coisa, é que as mesmas estradas conduzem inevitavelmente aos mesmos destinos. Dagan Zhou parece ter aprendido pouco com os finais trágicos, inevitáveis e finais de seus predecessores. Talvez ele não quisesse entender que suas viagens são contrárias à Lei.

As grandes viagens não são realizadas com a ajuda do Tempo, mas apesar dele. Assim como (seu contemporâneo) Marco Polo, Cristóvão Colombo ou o grande viajante chinês Xu Xiake fizeram. Muito diferente do deles, e muito mais triste, será o fim de Dagan Zhou (e desta história).

Percorrer o tempo arbitrariamente não significa governá-lo. Dagan Zhou pode ter mil nomes e viver em mil lugares por mil vezes, mas é inevitável que o braço eterno (no sentido mais literal da palavra) Da Lei, minha lei, termine por alcançá-lo.

# Trinta, trinta, trinta

*Para os bomberos voluntarios.*

*«Vencemos.»*

*Fidípides, justo antes de cair morto.*

Sábado, três da manhã. Díaz dorme sem profundidade ao lado de sua esposa. Faz anos que perdeu a capacidade de se entregar completamente ao sono. Mais precisamente, por ser bombeiro voluntário.

O rádio soa: «estamos em emergencia». O sono superficial permite que Díaz se levante muito rapidamente, mesmo sem estar totalmente acordado. Quando se levanta, pisa na pata de um de seus cães. O cachorro grita. Díaz tropeça e cai para trás. Bate a cabeça com força na mesa de cabeceira e acaba estirado no chão. Passa um segundo. Díaz volta a si e se levanta com pressa. Ferve de raiva temporária e infundada contra seu amado cachorro. Durante outro segundo, o agarra com firmeza pelo pescoço mas sem apertar, aproxima o rosto o máximo que pode e lhe aspira um som sem vogal que significa «Vou te arrebentar!». Na escuridão da noite, vê os olhos caninos que o olham com uma incompreendida culpa. Finalmente, ainda rangendo os dentes, lhe dá um beijo na testa. Então, com um passo largo, passa por cima dele. A caminho da porta do quarto, bate com a canela na beirada da cama. Ele quer chorar de dor, mas não tem tempo. Ainda assim, não disse uma palavra. É por isso que se pode interpretar que sua esposa está meio adormecida quando ele diz:

— Díaz, fala mais baixo.

O bombeiro nem a ouve. Sai de casa como está vestido, de bermuda e camiseta branca. Corre como pode, porque a dor na canela ainda é imensa. Ainda não percebeu que um fio grosso de sangue escorre da sua cabeça para seu rosto. Entra no carro velho e vai embora. Dirige de memória. Durante a viagem, não pensa em quase nada. Ou melhor, pensa em apenas uma coisa: «Por que me meti nisso?». Pensa a mesma coisa toda vez que tem que se levantar no meio da noite, no meio de uma refeição, no meio de um dia de descanso com sua família. Às vezes até no meio do Natal ou Ano Novo. Em menos de três minutos, Díaz chega ao quartel dos Bombeiros Voluntários da cidade de Los Pinos.

Los Pinos é uma pequena cidade no interior árido da Argentina. Tem a peculiaridade de se erguer no meio de um bosque criado pela mão laboriosa do homem. É uma espécie de oásis no meio do deserto. Essa curiosidade, somada à beleza do bosque, fez de Los Pinos uma cidade turística de certo renome. A cada temporada, milhares de turistas chegam às suas cabanas de madeira, de onde desfrutam não apenas do bosque, mas também do rio e dos pequenos lagos próximos. O outro lado de tantas possibilidades é o risco constante de incêndio. A natureza não previu que este canto da terra tivesse um bosque. Tampouco previu que tal perigo esteja localizado na República Argentina.

Díaz estaciona em frente ao prédio do quartel e desce do carro. Sua condição é lamentável. Ainda não acordou totalmente. Está muito descabelado. Seu rosto e camiseta estão ensanguentados. Sua pela adrenalina, pelos golpes, pela corrida, mas sobretudo pelo calor.

É verão, e a temperatura permaneceu perto dos quarenta graus nos últimos dias. De madrugada costuma esfriar em Los Pinos, mas nas duas últimas noites a temperatura não baixou dos trinta graus. É por isso que o incêndio da tarde de sexta-feira, que parecia controlado, foi reativado. Para ser mais preciso, está fora de controle. Condições meteorológicas adversas são de manual: trinta graus de temperatura, trinta por cento de umidade e um vento de trinta quilômetros por hora.

O caminhão de bombeiros está pronto para ir. A sirene está soando. Díaz sinaliza para que esperem por ele.

— Vamos Díaz, mexe esse bumbum, senão você vai ter que voltar com a *patroa* — grita Risitas, o motorista do caminhão e brincalhão do grupo.

Díaz está concentrado demais para registrar o comentário. Corre para dentro do quartel. Procura seu armário, onde seu uniforme de bombeiro deveria estar esperando por ele. Quando chega, não há nada. Alguém pegou suas roupas e seu capacete.

— Puta merda.

Díaz não se questiona demais. Pega as primeiras roupas que vê disponíveis, sem saber a quem pertencem, e as veste rapidamente. São um pouco pequenas demais para ele, mas isso não o impede. Volta para subir no caminhão. Quando pula, sente suas calças rasgando na região da virilha. Ele percebe, mas não faz nenhum gesto. Talvez já tivesse assumido que isso iria acontecer. Embora seja proibido pelas normas de segurança, Díaz está de pé, pendurado no caminhão, como nos velhos tempos.

— Não me encham o saco — responde toda vez que apontam para ele.

Risitas dirige o caminhão em alta velocidade. Quando não é bombeiro, dedica-se a pintar casas. À sua direita no caminhão, e sob seu comando, está Rico. Rico não é um sobrenome, mas um apelido. Ele é um dos habitantes mais ricos de Los Pinos. Impulsionado pelo senso de responsabilidade que o privilégio confere ou pela simples necessidade de emoções, Rico é um membro firme do corpo há anos. No caminhão, além de auxiliar Risitas, se encarrega de tocar no botão da sirene. Embora pareça difícil de acreditar, a sirene ainda é ativada por um botão manual.

Assim que o caminhão chega a uma clareira no bosque, Díaz pode ver a nuvem de fumaça. O fogo não pode ser visto a não ser através do brilho dessa mesma fumaça que sobe em direção ao céu estrelado. Díaz se detém nas estrelas: o fogo é tão bonito quando está longe. Porém mais se detém no céu aberto, na falta de nuvens, nas nulas perspectivas de chuva. E por trás disso vê ainda mais: a promessa de uma extenuante luta contra o fogo.

Enquanto Díaz se adianta desnecessariamente para o futuro, o caminhão se aproxima muito lentamente do ponto de encontro com os outros bombeiros. A lentidão não se deve ao perigo do fogo que avança, mas ao fato de que Risitas está perdido. O caminhão circula pelo intrincado traçado das ruas de Los Pinos como alguém procurando uma saída de um labirinto. Risitas já não ri mais, nem usa o «código Q» para pedir detalhes pelo rádio:

— Puta que te pariu, Gordo, me diz onde caralho estão porque se não, quando chegar, passo o caminhão por cima de vocês.

O Gordo já está no ponto de encontro. Não é difícil adivinhar que o Gordo é gordo. É mais difícil saber por que ele é o único bombeiro com esse apelido, já que muitos dos bombeiros de Los Pinos – a maioria – estão acima do peso. Sejam justos: não mais do que a média da população argentina, a quem eles representam. Mais de uma vez propuseram treinamento coletivo, o assessoramento geral de um amigo nutricionista, mas tudo acabou em ravióli, churrasco e vinho.

Também não é difícil perceber que entre os bombeiros de Los Pinos não há nomes. Apenas sobrenomes ou apelidos. Mesmo para o caso pouco original do Chefe.

Ninguém se lembra exatamente como se chama O Chefe. É o Chefe e ponto. Um pequeno grupo de bombeiros o cerca no ponto de encontro. Ainda à distância, Díaz só consegue identificar O Chefe, o Gordo e, claro, Ortiboza.

Ortiboza é o apelido de Ortigoza. E o «claro» é porque Ortiboza sempre chega primeiro. Ele faz isso com seu próprio veículo, embora isso não seja permitido. Necessita – literalmente – chegar à cena primeiro, ter o furo, estar no controle da situação. Não apenas informa imediatamente seus superiores, mas também a mídia, com quem mantém uma linha direta. Adora dar notas para jornais, canais de rádio e televisão, principalmente se forem da mídia nacional. Durante o dia, quando deveria ser apenas mais um cidadão, sempre usa roupas de bombeiro. Adora receber reconhecimento público. Aceita com falsa humildade os privilégios que os comerciantes da região lhe concedem. Muitas empresas e instituições (como clubes esportivos) oferecem descontos e benefícios para os bombeiros. Nos últimos anos, estes foram cortados, ou suspensos, devido aos abusos de Ortiboza.

Ortiboza costuma ficar indignado quando alguém o contradiz na via pública. Sempre recorre à sua condição de bombeiro para se vitimizar, independentemente de o eventual conflito ter a ver, ou não, com a instituição.

— Isto é uma vergonha. Afinal, como bombeiro você arrisca sua vida pelos outros e é assim que você é pago — diz essencialmente toda vez que tem uma discussão na rua. Normalmente, depois de dizer essas palavras, ele encerra a discussão e vai embora, principalmente quando não há perspectiva de que seu oponente concorde em mudar de posição.

É evidente que Ortiboza não é muito querido entre seus companheiros. No entanto, seu egocentrismo monumental (ou seja, sua completa indiferença à opinião dos outros), sua atuação efetiva como bombeiro e o número limitado de bombeiros voluntários o mantêm em sua posição.

Os bombeiros que acabam de chegar descem do caminhão e se aproximam do grupo que está de frente para O Chefe. Ortiboza lhe dá as boas-vindas:

— Como demoraram pessoal, o que aconteceu? — diz-lhes, sem esperar resposta, antes de passar a resumir o estado crítico da situação.

— Aconteceu que não encontrava minha vontade de arrebentar a sua cara, Ortiboza, mas no fim consegui encontrá-la e trouxe ela todinha — avança Díaz.

— Vamos ver se param de causar, estamos até o talo — arbitra O Chefe para encerrar o interdito.

O chefe está no centro. Sua. Como no caso de Díaz, transpira pela adrenalina e pela clássica corrida inicial, mas também pela responsabilidade que enfrenta: o incêndio é muito grande e ameaça, pelo menos, o norte povoado da cidade. Como se isso não bastasse, o

Chefe está atingido pelo álcool. Isso mesmo: O Chefe sob efeito de pelo menos, duas garrafas de vinho tinto.

A figura do Chefe, como a de tantos outros heróis em declínio, equilibra um passado glorioso com um presente bastante embaraçoso. Seu declínio atual ainda não é suficiente para apagar as conquistas do passado, quando ainda lutava por certos ideais. Claro, é fácil ter ideais quando se é jovem, forte e livre, quando se tem energia e tempo para desperdiçar sem consequências; em suma, quando ainda se acredita que seus esforços têm algum tipo de sentido.

Nesse passado dourado de sua vida, O Chefe tinha sido um lutador incansável. De sua posição de suboficial experiente, enfrentou seu próprio chefe, o Conselho e as autoridades municipais por questões relacionadas à corrupção, quando naquele Triângulo das Bermudas muitos dos fundos pertencentes aos bombeiros desapareceram. O Chefe não estava disposto a tolerá-lo. Primeiro internamente e depois publicamente, denunciou o conluio. A primeira reação do Triângulo foi expulsá-lo do corpo por indisciplina e outros recursos regulatórios. O que eles não esperavam, talvez, é que esse desafeto sobressaltaria o Chefe em vez de apaziguá-lo. O Chefe iniciou uma ação judicial que ele empurrou com persistência oriental por anos. E ganhou. Depois de ser celebrado, tornou-se o novo chefe dos bombeiros. Voltou pela porta da frente e foi nomeado Chefe dos Bombeiros pelas novas autoridades do Conselho. Os primeiros tempos no comando da força estenderam o rastro dourado daquele período de brilhantismo. O Chefe promoveu importantes reformas e iniciou uma nova era na breve história dos Bombeiros Voluntários da Cidade de Los Pinos. No entanto, esse impulso inicial foi perdendo força. O Chefe caiu na armadilha do álcool e as ambições reformistas foram esquecidas.

O Chefe está hoje nesse ponto de queda pessoal e profissional, quando tem a responsabilidade de comandar a operação para deter, talvez, a maior ameaça da história de Los Pinos. O Chefe sabe que com o passar das horas o cenário se tornará mais complexo. O fogo terá crescido e, talvez, tocado a cidade. Bombeiros de todas as cores, policiais, políticos, mídia e turistas terão chegado. A comunicação será difícil e caótica. Por isso, aproveita esse momento inusitado de reunião para compartilhar o diagnóstico, rever as diretrizes gerais de ação e motivar sua tropa.

— Pessoal, está muito complicado. Faz muito calor, a umidade é baixa e o vento do norte não diminui. Ainda temos o fogo a um quilômetro dos primeiros prédios. A previsão é ruim: não haverá chuva, nem mudança de vento, nem milagres. Tudo depende de nós. A meio quilômetro temos um pequeno campo aberto. Vamos nos posicionar ali para receber a cabeça do incêndio. Essa será a mãe de todas as batalhas. Se o fogo passar por nós, estamos fudidos. Bem fudidos. Já distribuí os primeiros mantimentos nos flancos do incêndio, convoquei os bombeiros das cidades vizinhas e pedi à Província todo o apoio possível, a começar pelos aviões hidrantes. Foi-me dito que há dois fora de serviço, mas o terceiro chegará nas próximas horas.

O Chefe fala devagar e pausadamente, principalmente devido ao efeito do álcool. Faz um grande esforço para dizer as palavras certas e modulá-las com clareza. Após uma breve pausa, ele continua:

— Risitas e Rico, levem seus homens, os dois autobombas e o caminhão-tanque para o campo aberto. Prepare a operação para quando o fogo chegar. Vamos enviar os

*unimogs* para atacar os flancos do leste — diz O Chefe e imediatamente os bombeiros correm em direção aos caminhões.

— Gordo, você começa com as tarefas de evacuação no norte da cidade. Não conte a Honegger e Gigio se não quiser. Assim que aparecer um policial, delegue essa responsabilidade a ele, informe a todo mundo e volte ao campo aberto.

— Ortiboza, você que é tão puxa saco será quem falará com a mídia e também quero que recrute imediatamente todos os nossos bombeiros. Não me importo se tem que derrubar a porta da casa e trazê-los chutando suas bundas. Onde caralho estão o resto dos nossos bombeiros, Ortiboza?!

— Estive repassando a lista e tentando me comunicar com cada um deles. A maioria não responde. Parece que a fauna dorme ou está de festa. Mas deixe comigo, vou procurá-los pessoalmente, se necessário.

— Puta que pariu — aprova O Chefe.

O Chefe procura se concentrar. Por um momento, parece se perder dentro de si mesmo. Tem uma intuição estranha, um pressentimento desconfortável. Por fim, indica:

— Diaz, ligue para Blanco para vir imediatamente

— Mas Chefe, Blanco vai me mandar à merda. Vai nos mandar à merda. Vai mandá-lo à merda. Ela nem é bombeira. Nós a expulsamos. A expulsou.

— Eu disse para ligar para Blanco, caralho!" — insiste o Chefe, para que não haja dúvidas.

Diaz nem responde. Tira o telefone do bolso com infinita resignação para mostrar que entendeu a ordem.

Blanco é uma das poucas mulheres bombeiras na história do Quartel. Antes de ser bombeira, era uma corredora olímpica. Sua capacidade física, sua disciplina e seu profissionalismo são um recurso que qualquer quartel deveria cuidar como ouro, não apenas por suas contribuições imediatas, mas também porque uma figura como ela hierarquiza a instituição e atrai novos aspirantes. Apesar disso, Blanco foi demitida de suas funções faz menos de um ano. Segundo O Chefe, devido à sua «recorrente desobediência e resistência à autoridade». Segundo Blanco, por outro lado, porque «os bombeiros de Los Pinos são uns medíocres, machistas, autoritários de merda».

As razões que aproximaram Blanco ao Quartel são várias. Após sua aposentadoria das pistas, queria contribuir de forma concreta e positiva para sua nova cidade. Sentiu uma necessidade pessoal de ocupar seu tempo com uma atividade socialmente valiosa. De forma alguma esperava ser submetida à arbitrariedade de um chefe alcoólatra, à obrigação de realizar tarefas administrativas ou ao dever de comparecer a eventos protocolares.

Foi um desses eventos protocolares que desencadeou a saída de Blanco. O Chefe convocou Blanco com especial dedicação, talvez porque soubesse que não iria. Blanco previsivelmente recusou.

— Então não passe mais pelo quartel — lhe informou O Chefe.

— Por mim, vão todos à merda.

Essa é a bombeira expulsa que Diaz tem que chamar agora, no meio da noite. Ele se afasta do grupo de bombeiros e disca o número dela. O telefone toca e toca. A voz sonolenta de Blanco finalmente responde:

— Olá, sim, quem é?

— É o Díaz, Blanco, o bombeiro — anuncia. Depois, com uma firmeza exagerada, explica-lhe que a situação é crítica e que precisam dela. O chefe quem pediu.

— Escuta, Díaz, vocês são idiotas? Você está zuando comigo? Me tratam mal pra caralho, me expulsam, me esquecem e agora, que estão ferrados e precisam de mim, me chamam. Foda-se, Díaz, foda-se! Diga ao chefe para ir se foder! — responde. A voz já parece bem acordada.

Díaz tenta parar a enxurrada de insultos previsíveis, mas Blanco corta. Díaz abaixa a cabeça e esfrega os olhos. Olha para onde está o Chefe: está olhando para ele com olhos penetrantes. Debate por um momento se prefere receber a dureza do Chefe ou a de Blanco. Decide por Blanco e a chama de volta. Desta vez, ela responde rapidamente:

— Olha, Díaz, da próxima vez que me ligarem vou denunciá-los à polícia! - lhe diz furiosamente antes de desligar o telefone com um golpe muito violento. Díaz se pergunta se esse telefone voltará a funcionar.

Díaz volta para onde o Chefe está e repete as palavras de Blanco. O Chefe insulta, mas não a Díaz, e sim a Blanco e baixinho, como se estivesse insultando a si mesmo. Finalmente resolve:

— Díaz, vamos ao campo aberto para nos juntarmos aos outros.

Os dois vão em busca de Ortiboza e, em seu carro, partem para lá, onde está se formando a mãe das batalhas. Ao longo do caminho, o Chefe não para de dar instruções pelo rádio.

Chegam. O amanhecer se insinua. O calor opressivo também. Risitas e Rico têm três equipes prontas; o próximo passo é adicionar quatro autobombas e pelo menos dois caminhões-tanque. Pouco a pouco, à medida que a manhã se desintegra, chegam os outros bombeiros. Atrás deles, ao sul, está o bosque e a cidade. Mais à frente, ao Norte, mais bosque e fogo. A grande cortina de fumaça que consome o horizonte avança vorazmente. A oeste, o fogo é contido pelo rio.

Como em todas as situações de incêndio, Díaz propõe ao Chefe instalar um comando de campo atrás, na fronteira do campo aberto com o bosque, a leste, onde é o acesso pela estrada. Uma tenda que serve como ponto de referência, descanso e local de operações. O Chefe o ignora. O conceito de comando de campanha lhe é estranho. O que mais incomoda Díaz não é esse desprezo, mas sim que os bombeiros da Capital chegarão em breve e essa será sua primeira medida, assumindo todo o protagonismo com aquele mínimo gesto de profissionalismo. Mais uma vez, eles serão como os aldeões do filme.

Enquanto isso, no norte de Los Pinos, o Gordo avança com as tarefas de evacuação. Das construções em perigo, destaca-se a enorme loja Gigio Chocolates. Entre os turistas, a loja é conhecida por seus deliciosos produtos artesanais. Entre os bombeiros, por outro lado, é conhecido porque Daniel Gigioletti, o proprietário, nunca compra uma rifa deles. Mas esse não é o problema. Muitos outros também não compram a rifa, porque não podem ou por qualquer motivo, mas acolhem e tratam os bombeiros voluntários com respeito. O verdadeiro problema de Gigioletti é como «nos zoa», segundo as palavras sintéticas de Díaz.

— Sim, claro, venha amanhã, *brow*, agora você me pegou sem troco — diz Gigioletti de uma forma ou de outra toda vez que os bombeiros passam pela loja.

— Que pena, *mano*, eu fiz você vir *de bobeira* de novo! Tudo por cem pesos de merda! Venha amanhã, sem falta eu vou guardá-los para você!



No ano passado, por exemplo, Díaz foi cinco vezes retirar o dinheiro que Gigioletti prometeu ter no dia seguinte. O bombeiro tinha decidido quebrar esses dispositivos retóricos. No entanto, da última vez que ele passou pela loja, a única coisa que quase quebrou foi o nariz de Gigioletti. Para Díaz parecia muita impunidade. Gigioletti, claro, aproveitou a briga para não comprar nenhuma rifa.

Além de escapar com promessas de baixa qualidade, Gigioletti argumentou que já estava pagando demais em impostos, incluindo honorários de bombeiros. Não compreendia, talvez, que a rifa dos bombeiros fosse o serviço mais barato e mais palpável —talvez o único— pelo qual receberia algo em troca de suas contribuições. Seus impostos, por outro lado, dessangrariam até a morte repetidas vezes nas mãos permeáveis da corporação política local.

O complexo hoteleiro Honegger também está em perigo. Eva Honegger administra o lugar e é alemã. É a dona, todo mundo sabe, mas ela nunca admite, talvez para fugir das responsabilidades públicas. É loira, alta e intolerante. Afirma ser descendente direto de Arthur Honegger, o renomado compositor suíço. Eva Honegger também declina a compra da rifa organizada pelo Quartel, mas o faz sem hesitar e com maus modos:

— Não, não, não, não quero nada. Fora do meu complexo! — Honegger grita e aponta para a porta com a ponta do dedo germânico.

Em casos como este, Díaz é impedido de quebrar narizes. O caso fica impune. Então ele não tem escolha a não ser lidar com a angústia que o invade. Mais de uma vez, deixou o complexo de Honegger com um nó na garganta e olhos úmidos. Digamos sem eufemismos: chorando. Não pela rejeição, mas pela injustiça. Não para ele, mas para o resto de seus colegas, homens e mulheres que colocam seu tempo, sua energia, seu dinheiro e até suas vidas em jogo para evitar tragédias.

O Gordo conhece essas histórias em detalhes. Chega a Chocolates Gigio com sua missão de evacuação. A loja está tecnicamente fechada — é de manhã cedo — mas a porta está aberta e Gigioletti está trabalhando na apresentação da loja. O Gordo lamenta que a porta esteja aberta. Entra e sem preâmbulos fala com Gigioletti:

— Bom dia, rato imundo. Estamos em emergência. Você tem três minutos para evacuar a si mesmo e sua miséria deste antro.

— Desculpe, Sr. Bombeiro Gordo — ironicamente Gigioletti — mas não o conheço e não vou a lugar nenhum.

Gigioletti pisou onde nunca deveria ter pisado.

O Gordo sente uma erupção de raiva subir como lava agradável de seu estômago. Com o rosto transfigurado, caminha até Gigioletti e o agarra pelas lapelas. Primeiro o encosta contra uma parede qualquer e, como um touro, encosta o rosto nele. Gigioletti descobre como é o ódio quando se transforma em respiração. Incapaz de se acalmar, o Gordo sacode Gigioletti por todos os lados.

Sem largar as lapelas, o golpeia em tudo que lhe parece frágil. Usando o corpo de Gigioletti de trapo, derruba todos os balcões, todas as janelas, todas as prateleiras. O chão é um mar de vidro e chocolate. Quando O Gordo já está muito agitado, o levanta novamente e o coloca contra a parede:

— Olha aqui, cuzão, se tem alguém aqui que não quer que você se salve da porra do incêndio, sou eu. Mas eu vim mesmo assim, então agora você vai sair daqui ou eu vou te

expulsar na base da porrada em uma ambulância. E acredite, não vai me custar. Você me entende ou não me entende?

Gigioletti treme de medo. Diz sim a tudo e, como pode, recolhe alguns de seus pertences e sai do local. O Gordo segue atrás, mas para por um momento: um alfajor muito alto ficou órfão no chão. O pega. Dá uma boa olhada, cheira e sopra. Come em uma mordida. Depois, sim, sai da loja.

Com o caso de Gigio resolvido, o Gordo aproveita a adrenalina em alta e segue direto para o Complexo Honegger. A grande janela de entrada é linda: um delicado vitral trazido especialmente da Baviera, encomendado à lendária Casa Mayer. Tem uma pequena placa de madeira esculpida que diz «abra, bem-vindo» (e abaixo «offen, willkommen»). O Gordo tem o prazer de vê-lo fechado. Olha com grande determinação para a janela e, com um tremendo chute com a sola do pé, derruba a janela inteira. O grande vidro multicolorido cai no chão, explode literalmente e mil peças voam em direção a toda a recepção.

Eva Honegger espia para fora do hall de entrada, assustada, com a boca aberta e as mãos no peito.

— Bom dia, velha asquerosa— Gordo modula claramente com a boca, mas não fala. Seu rosto é o de uma fera infernal. — Estamos em uma emergência, vocês têm três minutos para evacuar o complexo e seguir para o sul, onde as autoridades policiais lhes darão apoio — diz o Gordo, agora, com voz firme, forte e profissional. Dizendo isso, ele se vira e sai.

O Gordo faz mais algumas evacuações, agora normais e gentis. Deixando uma delas, encontra um carro de patrulha da polícia que acaba de chegar. Informa os oficiais da situação e parte para o campo aberto.

Ali, a manhã se desdobrou. O caos também. Aos bombeiros de Los Pinos, que chegavam desde a madrugada, juntam-se agora os bombeiros da Capital e de outras cidades vizinhas. Diante do olhar auto desaprovação de Díaz, os bombeiros da capital montaram a famosa tenda do centro de comando. Fazem isso na parte de trás do campo aberto, não muito longe da estrada, onde Diaz havia sugerido. Além disso, agentes de outras forças começam a chegar. E também a mídia.

Ortiboza está exultante. Montou (em sua cabeça) um centro de imprensa, bem ao lado da tenda central. Lá ele se apresenta à mídia como «o porta-voz oficial». Fala com grande eloquência. Informa sobre o «protocolo de comunicação», por meio do qual oferecerá «conferências de imprensa periódicas» a cada duas horas, a menos que «a tragédia exija suas capacidades em campo». «E, claro, desde que Deus permita.» Díaz o observa prosseguir e quer estripá-lo ali mesmo com suas próprias mãos; não, ele realmente não quer estripá-lo, mas causar-lhe uma dor interminável. Admite, isso sim, o alívio por ser Ortiboza quem lida com a mídia.

A informação chega à população distorcida, produto de uma cadeia curta, mas eficaz, de deturpações. Em primeiro lugar, Ortiboza exagera a já grave situação para se dar importância. Fala do «fogo mais faminto de que se tenha memória» e diz «meus homens» para se referir aos seus companheiros. A mídia, por sua vez, amplifica a desinformação novamente para ganhar audiência. A televisão não hesita em intitular «o maior incêndio da história», para que a poesia de Ortiboza não suscite ambiguidades atenuantes. Por último, as pessoas comuns, nas mesas das famílias, criam informações que são então transmitidas como fogo pelas redes. A criação não se limita ao que está acontecendo na floresta do norte

de Los Pinos, mas também a como um incêndio começa, como combatê-lo e todo tipo de especulações incidentais que não têm outro propósito senão impressionar os interlocutores. «Os bombeiros precisam de leite» é uma das recomendações sem suporte mais populares.

A desinformação tem muitas consequências, geralmente indesejáveis. Isso não impede que às vezes, além disso, sejam generosos. Por exemplo, a vontade de ajudar. Os bombeiros já sabem que com o passar das horas a população vai chegar ao local com espírito de ajuda. E esse será, infelizmente, mais um problema para lidar.

Aliás, com o sol já batendo no campo aberto, pode-se ver na estrada a chegada de um caminhão velho cheio de gente cantando e pulando. Não é possível ouvir o que eles dizem. São quase todos homens, sem camisa e com óculos escuros. A maioria, descalço. Estão muito bronzeados e há vários com cabelos compridos. São os salva-vidas de Los Pinos, sentinelas do rio e dos lagos da região. Devem ser uns trinta. Estão determinados a ajudar.

Díaz os vê chegar de longe. Balança a cabeça, franze a testa e a agarra. Amplia o campo de visão e percebe que Ortiboza pretende detê-los.

Ortiboza os aborda com enorme profissionalismo. Pede para falar com o representante do salva-vidas. Um gigante, de rosto vermelho e careca, abre caminho entre os nobres selvagens. É Schwarz, também conhecido como La Mole.

— Bom dia, Sr. Mole — Ortigoza estica o braço.

— Oi Ortiboza, e aí? Viemo dá uma mão — La Mole pega-lhe na mão e, puxando-o, abraça-o ao mesmo tempo.

— Veja, Sr. Mole, todos os meus homens e eu, em nome do povo de Los Pinos, estamos infinitamente gratos por este gesto de solidariedade e bravura, mas acreditamos que é melhor que se concentrem em seus trabalhos, pois senão ficarão desprotegidos. Desta forma, não só cuidarão dos cidadãos que tomam banho nos nossos belos espelhos de água, como também os ajudarão a aliviar durante algum tempo este calor insuportável. E também, de um ponto de vista mais amplo, para distrair dessa tragédia. Imagine, senhor Mole, se essas pessoas não forem ao rio, nem aos lagos, vão acabar em suas casas, aumentando a ansiedade com o incêndio, alimentada ainda mais pelo exagero da mídia. E depois de um tempo as pessoas vão dizer «eu não posso estar sem fazer nada» e nós as teremos aqui, adicionando mais confusão à cena.

Quando Ortiboza termina seu discurso, La Mole solta uma gargalhada. Os salva-vidas que o apoiam também. O riso se estende no tempo. Ortiboza não sabe o que fazer. Quando os nobres selvagens param de rir, La Mole responde:

— Olha Ortiboza, nois viemo ajudar e é isso que vamo faze. Assim que diz como ajudamo e pronto. Tá?

Ortiboza esfrega o rosto. Após um momento de reflexão, pede um minuto e caminha até o Chefe. O Chefe os observa de longe. Claramente insulta. Visivelmente contrariado, oferece algumas instruções. Ortiboza volta para onde estão os salva-vidas:

— O Chefe diz que podem começar a remover o terreno do campo aberto. Precisarão de pás. Então vão buscá-las e comecem lá na frente, bem ao norte, contra o bosque. Façam toda a fila da frente e depois começam a varrer o terreno para trás. Mais uma coisa: em algumas horas, civis, tanto locais quanto turistas, vão começar a chegar. Você, Sr. Mole, se encarregue deles. Se você puder mandá-los de volta para casa, melhor

ainda. Caso contrário, você os adiciona à sua tarefa como achar melhor. Mantenha o seu povo hidratado e com bons calçados.

Os salva-vidas uivam de excitação. Levantam os braços e gritam. Então começam a pular e cantar, novamente. La Mole manda Muelas reunir seus «manos» e ir com o caminhão em busca de pás. Instrui o resto do bando a caminhar para o norte do campo aberto para reconhecer o terreno. Ele fica onde está, ao longo da estrada, para administrar a iminente chegada de civis. O Chefe olha para todos esses movimentos e pensa «pelo menos eles não vão encher meu saco por um tempo». E também «além disso nos livramos dos civis».

De fato, com o passar das horas, os civis começam a chegar, tanto os locais quanto os turistas. Eles trazem pás, mangueiras ou baldes. Também trazem galões de água, gelo e sachês de leite. La Mole os recebe e mantém diálogos com eles da seguinte forma:

— E o sachê de leite pa quê?

— Dizem nas redes que os bombeiros precisavam de leite.

— Não, fi, não é assim. Deixa aí e me escuta — La Mole aponta para uma piscina redonda ao lado da tenda de comando central. Tem água e um pouco do gelo infinito que os civis trazem. Lá eles esfriam a bebida e os incontáveis sachês de leite que não vão consumir.

Em função da aparência do civil que chega ao local, La Mole decide o que fazer. Se for homem, estiver bem calçado e tiver uma pá, manda-o junto com os salva-vidas para remover o terreno do campo aberto. Se é homem, não tem ferramentas mas tem potencial, diz-lhe para procurar sapatos e/ou uma pá e voltar. Para o resto dos casos, ele os manda de volta para casa. Mais de uma mulher, quando rejeitada, o chamou de «gordo machista». La Mole riu.

Uma dessas mulheres determinadas chega em um carro pequeno. Desce com determinação e caminha em direção aos bombeiros mobilizados no campo. Passa por La Mole e nem olha para ele. La Mole a repreende, mas dado o efeito nulo de suas palavras, ele a considera perdida. A mulher passa pelo chefe e lhe dá um olhar fulminante. Finalmente chega onde Díaz está:

— Blanco! — grita Díaz de surpresa e a abraça.

— Venho me colocar sob seu comando. Assim que algum babaca, começando pelo Chefe, encher meu saco, vou pro inferno — avisa sem margem para mal-entendidos.

Díaz assente. Fica chocado com a chegada inesperada de Blanco. O Gordo presencia a cena, mas não se atreve a dizer uma palavra.

— Ah, e feliz aniversário — acrescenta Blanco.

— Ah... obrigado — responde Díaz e baixa os olhos, um pouco envergonhado, sem reconhecer que havia esquecido.

— Não falou nada, pilantra! — agora sim o Gordo reage, dá um abraço de urso em Díaz e esfrega sua cabeça.

Díaz agradece, mas tenta sair dessa situação que o incomoda. Faz isso minimizando a data e, em vez disso, destacando a gravidade do incêndio. Lhe explica a Blanco o estado da situação.

Os bombeiros já são mais de cem. Os salva-vidas e civis também. E continuam chegando. Trazem mais galões de água, mais gelo e mais leite. À medida que o meio-dia se aproxima, eles também trazem sanduíche, facturas ou milanesas. A comida é bem vinda.

La Mole, responsável pela Legião Amadora, concluiu que já há muitas pessoas em campo aberto. Ele escolhe os voluntários mais cansados e os convence a voltar para casa. Antes de dispensá-los, anota seus dados em um caderno para dar-lhes reconhecimento público quando o incêndio acabar. Desde que, é claro, essa letra atrofiada possa ser compreendida.

O Chefe observa os movimentos de La Mole com alguma misericórdia. Acha que todo esse esforço é inútil. Cumpre, sim, a função de preservar os bombeiros do incômodo dos civis. E fazer feliz aquelas dezenas de infelizes que também querem dar sua contribuição.

La Mole, de fato, está ensandecida. Não é difícil reconhecer em sua figura um líder de proporções. Em nenhum momento para de gritar, encorajar e dar instruções. Ele mesmo acompanha os recém-chegados ao local onde devem operar e mostra-lhes com as próprias mãos como fazê-lo. Os civis vieram para o campo aberto procurando ser heróis, e La Mole os faz sentir que serão. Eles apenas têm que dar tudo. Essa é a hora e o lugar.

Os civis continuam chegando. Os galões de água já parecem milhares, empilhados ao lado da tenda de comando central. O Chefe diz ao La Mole para criar uma nova divisão «com os menos favorecidos» para que eles possam levar os galões para a linha de frente e espalhá-los na terra revolvida «para umedecê-la». Não lhes diz, é claro, que é uma medida absolutamente inútil. Quando terminem, todos os civis devem ser evacuados. Nesse momento, o fogo estará muito perto.

Uma vez que o entretenimento é dado, o Chefe olha para a estrada. O prefeito está saindo de um carro de luxo, cercado por uma pequena comitiva. Destaca-se um fotógrafo que não para de fotografar em momento algum. «Putá merda, era o que estava faltando», pensa o Chefe. Imediatamente, finge um sorriso e caminha em direção ao prefeito para recebê-lo. Lhe dedica algumas palavras de agradecimento por sua presença no local. O leva para o campo aberto e explica o estado da situação. Imediatamente depois, vai até um dos caminhões-tanque e o apresenta aos bombeiros de sua confiança. Depois de uma conversa superficial, o prefeito faz um sinal modesto para o fotógrafo e segue em direção ao caminhão. Com alguma dificuldade, ele sobe pela lateral e começa a escalar. Os bombeiros parecem estarecidos. O prefeito continua a subir até chegar ao teto. Lá fica de pé e olha para onde está o fogo. O fotógrafo faz rajadas frenéticas de capturas. Terminadas as tomadas, o Prefeito desce do caminhão, cumprimenta e sai por onde veio, com o fotógrafo e os demais assistentes atrás.

O Chefe dá um suspiro de alívio, mas o descanso não dura, porque exigem sua presença da tenda de comando. Há más notícias. O fogo tomou a antena norte, que concentrava os repetidores para comunicações de rádio e de celular. Além disso, a antena caiu na estrada, cortando as comunicações com as equipes que acessaram o incêndio por meio dela e bloqueando o acesso móvel. Para completar, o terreno é muito irregular e rochoso a leste. Não há como fazer contato com as equipes que estão atacando o fogo daquela área. Por sorte, não estão encurralados, pois sempre podem se retirar pela rota para o Norte em caso de alguma complicação. Mas é um golpe mortal na eficácia do trabalho coordenado dos bombeiros.

O Chefe convoca seus homens para compartilhar as más notícias. Estão Díaz, Blanco atrás de Díaz, o Gordo e Ortiboza. Depois de explicar a situação em relação às comunicações, ele diz:

— O quadro é muito sério. Temos que encontrar outra maneira de estabelecer contato com as equipes que combatem o fogo da rota. Já pensei e não encontro alternativas. Quadriciclos, motocicletas e até bicicletas não vão nos ajudar. Não haverá escolha a não ser estabelecer umnexo de comunicação humana. Alguém que vai e volta com a informação por alguma brecha na floresta. Se ao menos tivéssemos alguém com essa capacidade...

— Que filho da puta, é um filho da puta... — diz Blanco (a ex-corredora olímpica) para si mesma, mas é claro que todos ouvem e olham para ela. Balança a cabeça, negando, e olha para o chão. Então começa a andar na direção de seu carro vermelho, cada vez mais rápido. Diaz vai atrás dela.

— E o que há de errado com essa aí? Senhor, Chefe, está propondo que ela seja o nexo? — pergunta o Gordo, que não entende o que está acontecendo.

— Mas é claro, Gordo, imagina se ele vai propor que seja você — diz Ortiboza.

O Gordo se joga sobre Ortiboza:

— Vou te matar, seu filho da puta!

Um par de mãos voa para os dois lados, mas o Chefe intervém a tempo. À força de insultos e gritos, ele os põe no eixos.

Enquanto isso, Díaz volta com Blanco. Ele parece tê-la convencido. Ortiboza ainda está ocupado ajustando seu uniforme, mas não consegue lidar com seu temperamento:

— Vamos, Blanco, não se faça de difícil. É a sua chance de ser a heroína que você sempre quis ser. Você será a os Fidípides desta história.

A referência de Ortiboza a Maratona não é compreendida por ninguém, exceto por Blanco, que o olha com uma raiva inesgotável. Os outros também o torturariam ali mesmo, mas por dizer coisas que ninguém entende.

O fogo dura dois dias inteiros, quase cinquenta horas, antes de ser extinto. Durante todo esse tempo, Blanco tornou-se o sistema nervoso das agrupações espalhadas no terreno. Por meio dela, todas as informações circulam entre os flancos isolados e o comando central. Uma vez por hora, Blanco percorre os dois quilômetros que os separam. Tira apenas alguns pequenos cochilos, ou come, entre as corridas. Nesses dois dias, ela percorre quase duzentos quilômetros. Leva e traz de volta as mais variadas mensagens: «todas as janelas do carro oito explodiram», «Ibáñez escapou da clínica para vir ao incêndio», «dois civis com pés queimados; estavam de chinelos», «acabam de transferir Risitas para o hospital, está fora de perigo», etc.

Enquanto Blanco vai e vem, o Chefe transpira, mas já não por causa do vinho que bebeu, mas por causa daquele que deseja tomar. Também, claro, por causa da tensão e do calor insuportáveis. Rajadas de ar quente chegam em ondas vindas do Norte. Apesar da gravidade da situação, o Chefe mantém a calma e distribui as instruções com invejável parcimônia. Seus subordinados confiam nele. Sentem na firmeza de sua voz que o herói do passado está de volta.

Um dos mais motivados é o Gordo. Luta como um leão contra o fogo, na linha de frente. Durante os dois dias ele emagreceu mais do que nunca, dez quilos, principalmente devido à desidratação. De fato, na tarde do segundo dia ele desmaia e também é levado ao hospital.

À medida que seus companheiros combatentes caem, La Mole cresce. Talvez inconscientemente, procura ocupar seus lugares. A mensagem é para o fogo: aqui somos igualmente fortes. Depois de dar instruções e gritar para sua tropa — as cento e oitenta

pessoas menos preparadas — ele retorna periodicamente ao comando central e mergulha na água congelada da piscina redonda. Quando emerge, entre um mar de sachês de leite, emite um grito gutural e primitivo. Bate no peito com as mãos, sai da piscina e volta ao campo de batalha com um corpo fumegante.

Os bombeiros combatem o fogo principal do norte do campo aberto durante a maior parte do segundo dia. À noite, o enorme esforço parece levá-los à vitória. O fogo parece incapaz de vencer a resistência das trezentas pessoas e do hidrante avião que incansavelmente recolhe a água do rio e a libera sobre o coração do bosque em chamas.

Quando o fim do incêndio é descontado à meia-noite, Blanco cai exausta. É transportada em uma maca para uma ambulância e levada para o hospital.

Algumas horas depois, o fogo foi derrotado. Bombeiros, salva-vidas e civis comemoram com alarido. Se fundem em abraços eternos. O estresse foi demais. Muitos se descarregam chorando. Os salva-vidas são os mais barulhentos. Enchem a piscina redonda. Pulam e cantam, enquanto bebem cerveja que ninguém sabe de onde veio. Em um ponto, levantam e carregam La Mole, mas não conseguem segurá-lo e ele cai sobre uma das bordas da piscina redonda, fazendo com que ela tombe. Tudo fica fora de controle, La Mole está espalhada pelo chão, mas ninguém para de rir.

Ortiboza transborda de orgulho diante da mídia. Está a um passo de reivindicar todo o sucesso. Ele não o diz, mas o sugere com grande habilidade retórica. Repete «meus homens», «verdadeiros heróis» e o verbo «interpelar» muitas vezes. Se emociona, ou finge que se emociona, para as câmeras.

O Chefe, pela primeira vez em dois dias, se permite um sorriso. Organiza a *guarda de cinzas* com os bombeiros mais descansados e parte com seus homens de confiança rumo ao hospital. Se informa sobre a situação de seus homens. Todos estão fora de perigo. Vão para suas casas descansar e voltam no dia seguinte.

A manhã está ensolarada. O hospital está níveo e silencioso. Blanco dormiu quinze horas seguidas. Diaz está sentado ao seu lado. Atrás, em pé, estão o Chefe e Ortiboza. De um lado, em outras camas, Risitas, Rico e o Gordo também dormem e se recuperam.

De repente, a tensão: Blanco se mexe, está prestes a acordar. Ortiboza acha que entende que está diante de um momento crucial. Ele é o instrumento fundamental dessa fração de segundo: o escolhido. Para que toda essa história assuma um significado transcendental, deve agir agora mesmo. Com uma autoridade descomunal, ele empurra Diaz para fora da cama e se senta em seu lugar. Nesse momento, bem na hora, Blanco abre os olhos. Ortiboza segura-a pelo braço com força, olha-a nos olhos e diz-lhe a frase histórica:

— Vencemos.

# A revolução ilimitada (Vida alternativa de Marx II)

*«É perfeitamente inútil especular se Marx teria ficado horrorizado ao ver como, em nome da fidelidade a uma ortodoxia marxista, milhões de seres humanos foram lançados nas trevas exteriores ou enviados para a morte. Tão inútil quanto afirmar que o projeto de Marx está ligado a uma suposta cadeia causal com as realizações práticas dos marxistas. O Estado soviético liquidou um bom número de seus fundadores durante a década de 1930: não há garantia de que, em nome do marxismo, não teria liquidado também Marx se tivesse a possibilidade física de fazê-lo.»*  
*Werner Blumenberg, historiador, escritor e político alemão.*

Karl Heinrich Marx nasce em 5 de maio de 1876 na cidade alemã de Tréveris.

É educado em casa até os doze anos de idade. Em 1888, torna-se estudante do Instituto Tréveris. Pouco tempo depois, a escola é tomada pela polícia devido ao excesso de literatura liberal e muitos dos professores são substituídos. Marx não tem como saber que, meio século depois e em nome de suas ideias, muitos de seus seguidores produzirão a mesma cena milhares de vezes.

Cinco anos depois, ingressa na Universidade de Bonn. Apesar de querer estudar filosofia e literatura, acaba se inclinando para o Direito, em grande parte por pressão do pai, que quer uma profissão com boas perspectivas de emprego para o filho. Um ano depois, devido às notas baixas, seu pai o obriga a continuar seus estudos na Universidade de Berlim, uma instituição acadêmica muito mais séria e formal. Lá, seus estudos de direito continuam em declínio, assim como seu interesse e confiança na literatura que produz. Em vez disso, suas incursões na filosofia e na história crescem.

Quando termina seus estudos universitários em 1899, Marx muda-se para Colônia. Lá, começa a escrever no *Rheinische Zeitung*, um jornal de tradição liberal fundado anos atrás por um grupo de cidadãos ricos. Marx se



junta a uma linha de colaboradores notáveis que ganharam o apelido de «Os Livres». A partir dos debates levantados nessa área, se aventura no estudo da economia.

Através das páginas do *Rheinische Zeitung*, Marx critica duramente os governos da Europa continental (principalmente monarquistas), mas também outros intelectuais, tanto liberais quanto socialistas. Devido à natureza radical de seu conteúdo, o jornal enfrenta os escritórios de censura do governo prussiano. Após um período de tensões e revisões editoriais, o governo acaba por fechá-lo.

A censura ao *Rheinische Zeitung* é criticada por Marx através de outro artigo no jornal *Deutsche Jahrbücher*. O governo não hesita em censurar o escrito e, por precaução, também fecha o jornal.

A crescente perseguição do governo prussiano empurra Marx para o exílio.

Em 1900, mudou-se para Paris e ingressou em outro jornal radical de origem alemã, o *Deutsch-französische Jahrbücher*, até então liderado pelo socialista alemão Arnold Ruge. Não só pelas diferenças entre Ruge e Marx, mas também devido às dificuldades de levar a publicação para a Alemanha, o jornal fecha.

Graças aos seus artigos em todos esses jornais, Marx atrai a atenção de Friedrich Engels, outro socialista alemão que conhecera na Alemanha anos antes. O reencontro acontece em Paris e dá origem a uma amizade que durará até o último de seus dias.

Um ano depois, Marx começa a escrever para o *Vorwärts!*, o último jornal sem censura de origem alemã na Europa. O governo francês (a pedido do alemão) fecha o jornal e expulsa Marx da França.

Marx se muda para Bruxelas, onde é aceito pelo governo belga com a condição de não publicar conteúdo político durante sua estadia. Marx cumpre parcialmente, já que viaja para Londres e publica o famoso *Manifesto do Partido Comunista*. Além disso, de volta a Bruxelas, se envolve diretamente em ações revolucionárias junto com grupos de trabalhadores. Após as acusações do governo belga, deve deixar o país para evitar a prisão.

A situação na Alemanha parece ter se acalmado, então Marx retorna à Colônia, onde publica um panfleto (derivado do Manifesto) e um novo jornal, o *Neue Rheinische Zeitung*. Como é de se esperar neste momento da

história, em 1903 o governo prussiano fechou o jornal e o expulsou da Alemanha.

Marx volta a Paris, mas também é expulso de lá, por ser considerado uma ameaça política. Sem muitas opções disponíveis, se refugia em Londres, a cidade capitalista por excelência.

Nesse mesmo ano, celebra-se em Londres o Segundo Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR). Nesse evento, Marx encontra Lenin e participa ativamente dos debates sobre como abordar a criação de um partido unificado a partir dos agrupamentos social-democratas russos. As várias posições estão decantando em dois grandes grupos. Por um lado, os bolcheviques, mais revolucionários e extremistas, propensos a uma aliança do proletariado com os camponeses, liderados por Lenin. De outro, os mencheviques, mais moderados e reformistas, inclinados a uma aliança do proletariado com a burguesia, liderada por Márto v.

Durante sua argumentação, Marx não pode deixar de criticar as posições de Lenin, pois considera que sua proposta de organização partidária poderia levar, em um eventual governo, a uma ditadura. Apesar de sua personalidade temperamental e disruptiva, Marx é moderado e enfatiza a necessidade de alcançar a unidade, pois ambas as correntes compartilham os mesmos princípios e as diferenças entre elas devem ser toleradas. Os esforços são insuficientes, o Congresso falha e o partido está fraturado. Apesar desse resultado, Marx ganha a confiança dos líderes russos e permanece em contato próximo com eles.

Alguns anos depois, a Revolução de 1905 eclode na Rússia. Usando um passaporte falso, Marx viaja para lá para se juntar aos rebeldes. Já em São Petersburgo, torna-se um dos principais organizadores do Primer Soviet. Participa ativamente no desenho conceitual de panfletos, proclamações e discursos, além de assumir um papel de liderança na organização do jornal *Izvestia*. De sua posição de destaque, continua a promover o entendimento entre bolcheviques e mencheviques.

A Revolução não consegue acabar com o governo czarista. É considerado um fracasso pelos bolcheviques, além das mudanças institucionais alcançadas (ditado de uma Constituição, criação da Duma de Estado, criação do Conselho de Estado). O governo czarista inicia uma

intensa perseguição aos líderes revolucionários. Marx consegue escapar e retorna a Londres.

Restabelecido na capital inglesa, Marx se dedica a refletir sobre os acontecimentos que acabam de tê-lo como um de seus protagonistas. Apesar de suas ideias iniciais (a suposição do capitalismo desenvolvido como pré-condição para o socialismo), o que acaba de vivenciar na Rússia (cujo desenvolvimento capitalista ainda é pobre) lhe mostra que a revolução também é possível em outros contextos. Agora, deve entender por que e quais são os meios para alcançá-lo. Nessa exploração intelectual, simpatiza com Trotsky, que conheceu em São Petersburgo, cujas idéias de "revolução permanente" considera razoáveis e atingíveis. Ao contrário do que os bolcheviques e mencheviques acreditam, Trotsky considera que o proletariado russo subdesenvolvido não deve ser associado aos camponeses ou à burguesia, mas, como parte de uma visão internacionalista da revolução, com os proletários mais fortes de seus vizinhos europeus.

Como parte de suas reflexões sobre a revolução, Marx se dedica ao estudo da economia política e do capitalismo. O resultado desses estudos são os livros *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, *Grundrisse* (conjunto de notas e pequenos ensaios), *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, *Teorias da Mais-valia* e, possivelmente, sua obra mais famosa, *O Capital*.

Nesse período, Marx concebe o controverso conceito de «ditadura do proletariado». Em sua concepção, essa «ditadura» é um período de transição entre o capitalismo e o comunismo. Este estágio final, o verdadeiro comunismo, implica uma sociedade sem classes e sem estado.

A discussão sobre o Estado é levantada, também, na Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional), cujo Conselho Geral tem sede em Londres. Nele, Marx confronta a corrente anarquista liderada por Bakunin, que aponta que os conceitos marxistas levam inexoravelmente a «um poderoso estado centralizado». E os anarquistas querem poucas coisas menos do que um estado centralizado e poderoso.

A economia pessoal de Marx, enquanto desenvolve seu trabalho intelectual, é extremamente frágil e sobrevive graças ao apoio de seu amigo Engels. Apesar dessas dificuldades, Marx nunca abandona seus estudos ou considera outros tipos de trabalho. Nem qualquer outro estilo de vida. Nas palavras do historiador alemão Werner Blumenberg, «Marx é um sólido

burguês vitoriano. Ele não é um trabalhador nem participa da classe trabalhadora, mas é um organizador e um teórico da classe trabalhadora».

O Quinto Congresso do POSDR também se realiza em Londres, então Marx pode facilmente comparecer. Lá ele conhece outras grandes figuras socialistas, como Gorki e Rosa Luxemburgo. Com esta última, Marx desenvolve uma grande afinidade política. Nesse evento, continua a enfatizar a necessidade de uma reaproximação entre bolcheviques e mencheviques. A tensão política com Lenin é acentuada.

Em 1912, durante o Sexto Congresso do POSDR, em Praga, Lenin proclamou sua facção bolchevique como a única do partido. Marx o critica duramente por isso e continua a apelar a todas as partes envolvidas para remediar a fratura. Por causa dessa reação, Lenin acusa Marx de ser um traidor do partido e o chama de «Judas Marx».

Apesar disso—e com a Primeira Guerra no meio—, Marx se permite uma maior aproximação com os bolcheviques, considerando-os o único veículo real disponível para realizar a tão esperada revolução. Além disso, com os países vizinhos em colapso pela guerra, recalibra a importância do campesinato russo como meio ativo de tomada do poder.

Chega o ano de 1917 e eclode a Revolução de Fevereiro em território russo. Marx viaja a Petrogrado (o novo nome de São Petersburgo) para participar dos eventos. A revolução significa a queda do czar Nicolau II e o fim da monarquia na Rússia. Surge um Governo Provisório, sustentado por uma frágil aliança entre socialistas e liberais. Marx junta-se ao Soviet de Petrogrado. Lá apoia a posição de Lenin: é preciso derrubar o Governo Provisório e formar um governo socialista. Desta forma, Marx é inequivocamente identificado com as posições bolcheviques.

Em outubro do mesmo ano, acontece a Revolução Russa. Os bolcheviques tomam o poder, com Lenin à frente. Marx ainda acredita que o governo deve ser bolchevique, mas não considera necessário ou conveniente perseguir mencheviques e outros social-revolucionários. Junto com Lenin, Stalin, Trotsky e Sverdlov, Marx compõe o seletivo Comitê Central Bolchevique. No entanto, não ocupa cargos oficiais no novo governo.

A mudança forçada de governo deu origem à Guerra Civil Russa, um conflito que dura essencialmente até 1920, embora a resistência isolada persista até 1923. Durante esses anos houve invasões russas na Polônia,

Ucrânia e Geórgia. A economia está literalmente quebrada. O Comitê Central deve tomar inúmeras e difíceis decisões, muitas das quais causam um desgaste natural entre seus membros. Em particular, Marx vê sua relação com Lenin e Trotsky se deteriorar, devido às suas propostas de militarização econômica e totalitarismo político, e sobretudo com Stalin, que ele considera mais comprometido com seu projeto pessoal de poder do que com a revolução.

Com a morte de Lenin, Stalin sobe ao cume do poder soviético e, a partir daí, inicia uma sutil e permanente tarefa de desgastar seus adversários internos. Primeiro contra Trotsky, o de maior peso. Depois, contra o próprio Marx. E mais tarde contra Zinoviev, Kamenev, Bukharin e Rykov, a quem havia usado anteriormente como aliados. Esse processo leva vários anos e atinge um marco histórico em 1929, quando Marx e Trotsky são expulsos da União Soviética. Mais uma vez, Marx encontra refúgio em Londres.

A perseguição não termina aí e o aparato de propaganda soviético busca perfurar a figura de Marx através de um intenso trabalho de revisionismo que busca apresentá-lo como um traidor da revolução. Em resposta, Marx acusa Stalin de ser um tirano e exige a democratização do partido e da União Soviética.

A resposta de Stalin não demora a chegar, nem é suave. A perseguição à família de Marx é implacável e se concentra em suas filhas (Jenny, Laura, Eleanor), seus genros e seus netos. Primeiro, com ameaças. Em seguida, diante da recusa de Marx em rebaixar seu perfil crítico, com desaparecimentos. Os primeiros a desaparecer são dois de seus genros, Charles e Paul, em 1936. No ano seguinte, dois dos cinco filhos homens de Jenny desaparecem. E, um ano depois, Jenny e Laura são encontradas mortas, no mesmo dia, em Paris. A família de Trotsky sofre a mesma perseguição impiedosa.

A morte ameaçadora e crescente de seus parentes mais próximos não consegue silenciar Marx, que encara cada golpe como mais um motivo para seguir em frente. Sua maneira de buscar justiça é falar cada vez mais alto. Impulsionado por essa convicção, começou uma turnê por vários países onde deu palestras públicas para criticar a União Soviética stalinista.

Em 1940, apenas um mês depois de Trotsky ter encontrado o mesmo destino no México, Marx foi assassinado em Londres por agentes de inteligência sob as ordens de Stalin.



# O Outro Desertor do Destino

O destino, por definição, está escrito e determina o que acontece com nossas vidas. Como diante de uma religião, a pouca margem que temos se limita a acreditar nela ou não. Quer o vejamos de forma relativa ou absoluta, parece inegável que a questão merece algo da nossa atenção, mesmo que seja por alguns poucos minutos.

*Vivíamos em uma cidade úmida, encurralada naquela época por um inverno rigoroso que parecia atingir seu objetivo de se tornar eterno. Tudo dava a impressão de estar desenhado em tons de branco, sobre um fundo que sempre era preto. Caminhávamos em silêncio, de cabeça baixa, escondidas nas golas altas dos nossos gamulanes e com as mãos nos bolsos, mais pela resignação que carregávamos dentro, no peito, do que pelo frio. Como sempre fizemos, paramos para refletir sobre a ponte, de onde a espessa neblina não nos deixava ver o rio. Falamos sobre o presente e sobre o futuro. Mas acima de tudo, nos dedicamos a lamentar o que havia sido decidido por nós.*

A premiada antropóloga e humanista Ivana Arsán não hesita em desconfiar da ideia de destino, definindo-o ao acaso como «simples explicações filosóficas e até existencialistas do futuro». A categoria compartilhada não a impede de definir o destino e o acaso como «os dois lados de uma mesma moeda: a moeda do futuro». Ambos representam «a impossibilidade dos seres humanos de tolerar a incerteza». Desta forma, «o destino cria na mente de cada ser humano a ideia de segurança e atua como um guia ou caminho inexorável, indiscutível e supra-humano». Pouco antes de terminar o seu suspeito charuto e sem ser perguntado, Arsán volta ao tema do acaso e afirma sem hesitar que mesmo este é baseado em uma lógica; em uma que não conhecemos, que não foi descoberto devido à sua complexidade inerente. Neste ponto, Arsán, sem saber, concorda com o lendário Doutor Engenheiro

Sanguinetti, criador da famosa *Fórmula de Sucesso*, que assegura com uma pitada de terror que «o acaso não é tão aleatório».

*A vida tinha-nos pregado uma peça e o que nos foi escrito estava muito longe longe dos nossos sonhos, sempre previsíveis, sempre adiados. Que pecado grave cometemos, talvez em alguma existência passada, para merecermos esta infeliz passagem com sabor de castigo? Nesse instante soubemos. Não toleraríamos nem um minuto mais carregando as cruzes dos outros, de outros passados ou de desejos diferentes dos nossos.*

Na mesma linha de pensamento de Arsán e Sanguinetti está o renomado e duro filósofo contemporâneo Germano Don Caldani, que, como sempre, nos recebe em um bar pé-sujo. Encontrá-lo ali faz parte do destino, do futuro que podemos prever. Uma bebida branca adorna sua mão direita, onde repousará seu olhar durante toda a palestra, durante a qual nos brindará como sempre ricas definições. Questionado sobre o destino, responde quase com raiva: «Não acredito em destino e não me baseio em nada para sustentá-lo. Acreditar ou não é uma decisão, e não fazer parece menos confortável, menos triste. A ideia de que algo superior dita os caminhos pelos quais minha vida passará me desagrada demais. É verdade, há quem acredite nessas ideias fáceis que tornam a vida mais suportável e nos libertam responsabilidade pelo que vamos fazer. E mais importante, sobre o que vamos ser». Certamente afetado por sua inclinação ao jogo, ele acrescenta algumas definições probabilísticas: «No entanto, acredito na existência de uma ordem para todas as coisas e, como diz um velho ditado, o caos é uma ordem a descobrir. A realidade é que você poderia prever qualquer situação se tivesse as informações suficientes».

*Meu velho companheiro, amigo de infância, teve a coragem de finalmente propor o fundamental, o que já sabíamos no fundo dos nossos corações. Olhando para onde estaria o horizonte, me anunciou que iria abandonar o destino. E com isso me empurrou para uma encruzilhada*



*transcendente sem volta, como sempre acontece quando nos deparamos com quem decide ser fiel a si mesmo. Se era verdade que queria entregar-me à Verdade, esta era a oportunidade para o fazer. Deixaria só meu amigo? Me deixaria só a mim mesmo?*

O destino existe. E não é só isso: está escrito de forma inapelável. No entanto, não estamos condenados a seguir seus parágrafos à risca, assim como o ator de teatro não tem obrigação de seguir o roteiro, não importa o quão escrito esteja. É verdade que o ator não costuma alterar a letra de seu roteiro, mas não o faz por impossibilidade, mas por prudência. Segue um roteiro que pode não gostar e aí o trabalho termina sem sobressaltos nem surpresas. A mesma coisa acontece quando nos abandonamos à correnteza de um rio calmo, deixando-nos arrastar para a sua foz. Isso é o destino: deixar-se levar, não fazer. A vida por omissão. E assim como o ator sabe como a peça vai terminar, podemos vislumbrar nosso destino se pegarmos nosso presente e o projetarmos no futuro. Eu posso ver meu destino com impressionante e dolorosa clareza, não apenas em minha mente sobrecarregada, mas em todos os lugares, todos os dias, com meus próprios olhos.

*Desertaríamos o destino. A heresia seria punida com dureza exemplar. Os futuros desertores pensariam duas vezes. A eventual penalidade, porém, dificilmente seria pior do que as pesadas correntes do estabelecido. É sempre preferível a paranóia do livre à resignação do prisioneiro. E é melhor ter o destino atrás de nós, perseguindo-nos, do que em cima, esporeando-nos. Meu amigo ficou conhecido a partir daquele momento como O Desertor do Destino.*

A astróloga Mercedes Herrera declara que «embora de um ponto de vista estritamente profissional eu subscreva a existência do destino, naturalmente determinado pelas estrelas e decifrável graças às minhas habilidades, pessoalmente me falta maior precisão sobre o assunto». Ainda aponta que «a

discussão (e, portanto, este escrito) não é importante, pois é impossível verificar qualquer uma das teorias. Como saber se a decisão de ouvir a minha opinião é fruto da nossa liberdade ou consequência inexorável do nosso destino?» O que sim pode assegurar é que «são os fracassados que tendem a acreditar no destino, a culpá-lo por suas próprias falhas, enquanto os bem-sucedidos são os que tendem a desacreditá-lo, para assumir os créditos, mesmo quando não pertencem a eles"

*Passaram poucos anos antes que El Destino se encarregasse de capturar, irremediavelmente, meu velho amigo El Desertor. Talvez sua humanidade fosse muito mais limitada que suas ambições e, afinal de contas, não havia como escapar de algo tão definitivo. Na bagunça da nossa fuga, nos havíamos separados há muito tempo e só ouvi dizer que era uma noite fechada e enevoada, como a primeira, quando O Destino o sitiou em um estreito beco sem saída. Mais uma vez, fui deixado sozinho. A frieza é uma triste qualidade de nós que vivemos fugindo e é o que nos permite superar perdas tão dolorosas quanto esta. O Destino se encontra agora atrás de mim, mas não vou me permitir a derrota, nem a decepção dos poucos que ainda acreditam em mim, a quem me devo. Aqueles que, de forma exagerada, me chamam de O Outro Desertor do Destino.*

# #RebeliãoF

*«A revolução egípcia será tuitada.»  
Frase icônica da Revolução Egípcia de 2011*

*«Não sou eu o revolucionário, nem minhas ideias,  
Mas aqueles exaustos de serem tratados com injustiça.»  
Dr. Joan Frat*

Dois anos se passaram desde o início da primeira rebelião dos contribuintes contra o Estado. Os detalhes de como essa revolta foi concebida foram descritos na história *A Rebelião dos Contribuintes*. A história diz, por exemplo:

«A revolução implícita proposta poderia ser chamada de anarquista. Mas também, sem ir tão longe, libertária ou liberal.»

A base da rebelião foi o empobrecimento sistemático geral da população, produto da recorrente fraude do Estado aos seus próprios cidadãos, expressa de mil maneiras diferentes: corrupção, desvalorização, inflação, endividamento, asfixia fiscal, confisco, expropriação, etc.:

«Esse Estado gigantesco, instável e irresponsável, viciado em gastos e má gestão, explicava a fabulosa decadência nacional, perto de completar cem anos. O país foi um dos poucos casos da história recente, senão o único, em que o desenvolvimento mais avançado (que atraiu milhões de imigrantes) regrediu a um subdesenvolvimento sólido e cristalizado.» O caminho escolhido para enfrentar esse monstro voraz foi a rebelião fiscal, ou seja, o não pagamento coordenado e massivo de impostos. Como? Através do desenvolvimento de uma plataforma online colaborativa que permitiria aos cidadãos se organizarem para alcançá-lo. Uma verdadeira revolução do século XXI.

Não há necessidade de ter medo de dizer que a Primeira Rebelião foi um fracasso. Afinal, quantas vezes a revolução egípcia fracassou, durante trinta anos, antes que o ditador Hosni Mubarak (#egypt #jan25) fosse expulso? Quantas décadas os ucranianos tiveram que esperar para se livrar dos governos pró-Rússia que os mantinham longe da Europa (#евромайдан #euromaidan)? Quantas batalhas os habitantes de Hong Kong perderam desde 2014 e ainda estão perdendo, em um esforço para preservar suas liberdades civis da crescente pressão da China (#UmbrellaRevolution #FightForHongKong #HongKongProtest)?

A Primeira Rebelião falhou porque todos os riscos previstos se tornaram realidade. E porque os rebeldes não souberam lidar com eles.

Do ponto de vista técnico, a plataforma online foi mais do que atacada: foi bombardeada incansavelmente. Não só por agências estatais, mas também por seus parceiros privados com capacidade técnica, entidades dependentes do Estado que também se beneficiaram da ordem existente. Além disso, foi possível inferir o apoio esperado dos estados vizinhos, cujos governos não desejavam revoluções desse tipo bem-sucedidas em territórios vizinhos, além do fato de viverem repetindo a palavra «revolução» em seus próprios discursos.

No plano jurídico, o Estado também não deu descanso. Os rostos visíveis da rebelião foram perseguidos e acusados de «evasão», «apologia do crime», «sedição» ou «traição à pátria». Dado o bom trabalho feito pela equipe jurídico rebelde, ninguém ficou atrás das grades por mais de alguns dias, mas o custo em tempo e energia foi enorme, muito mais do que o previsto.

A perseguição judicial foi acompanhada pelo cerco midiático de pseudo jornalistas, artistas e outras figuras públicas viciados no financiamento do Estado, um clássico das estratégias de propaganda do Estado. Famosos apareciam toda semana na mídia para defender a proteção paterna do Estado. Talvez tenha sido apenas uma coincidência que esses mesmos personagens foram posteriormente contratados para produções, festivais ou apresentações públicas financiadas pelo Estado.

Dado esse contexto difícil, o debate público também foi exaustivo. Mas esse contraponto dialético foi empreendido com infatigável convicção, pois desde o início foi considerado o campo fundamental do conflito. Além disso, os rebeldes consideraram que tinham a verdade do seu lado e,

portanto, também as palavras de Escohotado: «A verdade se impõe, só a mentira precisa de um subsídio do governo».

O debate público fraudulento, puxado por interesses espúrios, levou ao indesejável partidarismo político da discussão. Os partidos mais estatistas, a começar pelos que estavam no Governo, optaram por ver os rebeldes como um simples partido de oposição sedento de poder. «O ladrão acredita que todos são da sua condição». Ao mesmo tempo, a Oposição procurou usar os rebeldes de uma forma ou de outra para seu próprio benefício.

O financiamento coletivo (*crowdfunding*) da Primeira Rebelião também não funcionou muito bem. Os apelos para financiar um novo projeto, liderado por desconhecidos e carregados de slogans quase revolucionários, não foram exatamente irresistíveis para a grande maioria. Como costuma acontecer com a resistência nascente, o núcleo dos rebeldes teve que financiar a maior parte da rebelião com seu próprio dinheiro. Muitos deles acabaram falidos, especialmente aqueles que perderam seus empregos devido ao envolvimento com os rebeldes.

Por último, talvez o mais importante, a Primeira Rebelião não conseguiu conquistar uma massa crítica de rebeldes ativos. Os rebeldes estimaram a necessidade de somar pelo menos dez por cento dos contribuintes para causar efeitos graves no Estado. No entanto, no auge da convocatória, conseguiram convocar apenas um por cento, um número significativo, mas insuficiente. Este foi o aspecto mais crítico a rever e corrigir.

Até agora, todos os riscos previstos. O grave é que também houve imprevistos.

Embora em retrospectiva pareça um risco evidente, na realidade a facilidade com que os usuários começariam a usar a nova plataforma foi subestimada. O processo de adoção da mesma (*curva de aprendizado*) foi extremamente difícil, principalmente entre o público mais adulto. Esse alto custo foi agravado pelas recorrentes quedas da plataforma devido aos ataques, pelo nível de incerteza que a rebelião implicava e pelo clima de resignação que reinava entre os contribuintes. O núcleo dos rebeldes não conseguiu transformar essa decepção em entusiasmo. Não conseguiu que, perdidos por perdidos, os contribuintes se convencessem de que valia a pena correr esse risco.

Prevedendo os riscos que poderiam surgir, o Estado promoveu reformas na arrecadação de impostos, para que a arrecadação não dependesse da vontade dos contribuintes (percepções automáticas, integração ao pagamento de serviços essenciais, etc.). Graças à agilidade da frente legal dos rebeldes (acompanhada do oportunismo da Oposição), esses primeiros movimentos foram bloqueados. No entanto, no longo prazo, o Estado, sem dúvida, continuaria caminhando nessa direção. A Oposição faria o contrário quando fosse Governo e seu financiamento dependesse dele. Os rebeldes aceitavam as consequências legais de não pagar impostos, mas de forma alguma aceitariam que sua liberdade de pagar ou não fosse condicionada. Podiam tolerar que os impostos fossem legalmente obrigatórios, mas de forma alguma consentiriam que o dinheiro lhes fosse retirado à força ou antecipadamente. Tanto era o que aceitavam que economizavam muitas perguntas. Os impostos eram realmente necessários? Realmente deveriam ser obrigatórios? Por que o resto das coisas não eram? Que outras coisas necessárias fazíamos por obrigação? Precisa um bem, ou uma comodidade, forçar seu próprio financiamento? Essa obrigação encobriria, ainda que parcialmente, uma mentira, uma fraude, um roubo?

A perseguição ao núcleo dos rebeldes não foi a única. Menos considerado inicialmente, também foi decidido o cerco dos milhares de contribuintes que aderiram ao não pagamento de impostos, tanto legalmente quanto na mídia. Além de um sistema de justiça repentinamente ágil, os rebeldes sofreram assédio público. Seus nomes foram publicados e muitos deles foram escrachados em vias públicas. Isso alcançou o efeito desejado de desencorajar potenciais novos participantes. Era preciso dizer: além do verdadeiro assédio, a maioria dos contribuintes era culturalmente fraca, individualmente dócil e educadamente correta. Assim os moldou o Estado, justamente, para poder abusar deles.

De uma concepção mais geral, pode-se acrescentar que a Primeira Rebelião teve sérios problemas para sair do mundo virtual do debate público e se enraizar no terreno mais árduo do não pagamento de impostos. Também não conseguiu se firmar no espaço público. Em termos mais mundanos, muitos críticos observaram que «lhe faltou rua».

Como se isso não bastasse, a Primeira Rebelião sofreu a morte do Doutor Joan Frat, ideólogo da rebelião e algo como seu pai espiritual. O

câncer foi súbito e fulminante. Com o caminho pavimentado para a derrota, essa perda foi um golpe emocional adicional no núcleo dos rebeldes.

A morte do Dr. Frat deixou sua discípula e líder operacional da Primeira Rebelião, Jasmina Liber, no centro do palco. Apesar de Jasmina ter recebido muitas críticas pelos maus resultados que já estavam aparecendo, o Dr. Frat havia prestado um último serviço a ela e à rebelião. Antes de morrer, se declarou publicamente responsável pelo fracasso e renovou sua confiança em Jasmina para liderar a próxima etapa.

Isso mesmo, haveria uma próxima etapa. Isso não era difícil de prever para quem conhecia Jasmina, uma verdadeira pulsão estelar no sentido mais astronômico, combustível e inesgotável do termo:

«Seu olhar penetrante revelou a determinação brutal de um vulcão desencadeado, as chamas devastadoras de uma vontade incendiária e sem volta, a avalanche irreprimível de um fogo pronto para destruir tudo.»

Transformar o fracasso da Primeira Rebelião em experiência útil para a nova etapa se impôs como um primeiro passo essencial. Os erros tinham de ser assumidos e corrigidos. Não só para evitar outra falha, mas também para renovar a confiança da equipe e dos contribuintes. Sob a liderança de Jasmina, três aspectos fundamentais do processo que culminou na derrota foram diferenciados a partir de critérios médicos: o diagnóstico geral, o tratamento conceitual e o tratamento específico.

O diagnóstico original foi reafirmado como correto:

«Os contribuintes estavam sendo explorados e, até então, não podiam fazer nada a respeito.»

O tratamento conceitual também:

«Usando as novas tecnologias, os contribuintes devem poder se organizar para enfrentar os abusos do Estado, expressos pelo menos em seu sistema tributário. [...] Atuar significava apenas uma coisa: não pagar impostos. Mas não de forma individual e isolada, mas de forma coordenada,

aos milhares. Poderia o Estado ignorar centenas de milhares de contribuintes agindo desta forma? Poderia enfrentá-los e torcer seus braços? Não eram, acaso, uma parte muito grande de si mesmo?»

Foi o tratamento específico que foi definido como errado:

«O desenvolvimento de uma plataforma online, colaborativa, onde os contribuintes pudessem manifestar a sua dissidência, organizar-se e, sobretudo, agir em consequência. »

O desenvolvimento da plataforma tornou-se uma realidade mas na prática, pelas razões já explicadas, fracassou. Era necessário conceber uma nova solução técnica para o mesmo tratamento conceitual.

Após semanas de debate reflexivo, onde as experiências foram se acomodando, a discussão levou aos detalhes do novo tratamento concreto: o #RebeliãoF.

O tratamento conceitual foi o mesmo: os contribuintes deveriam poder se organizar para 1) pleitear redução de impostos, 2) deixar de pagar impostos em massa como forma de exigí-los e 3) sustentar a medida até que o Estado desse uma resposta positiva . No entanto, isso tinha que ser alcançado de uma forma que evitasse os problemas - pelo menos os mais importantes - que levaram à derrota da Primeira Rebelião. Ou seja, as ferramentas para alcançá-lo deveriam mudar.

O primeiro elemento da #RebeliãoF foi abandonar a ideia de uma plataforma proprietária e usar uma plataforma existente. Tinha que ser uma das plataformas mais populares e permitir que a estratégia de resistência fosse implantada da melhor maneira possível. A plataforma escolhida não era definitiva, como nenhuma tecnologia era, e poderia ser ampliada ou alterada no futuro. Com base nesses critérios, a Plataforma T foi escolhida. Era a maior plataforma de *microblogging* do mundo: permitia a publicação de pequenas mensagens compartilháveis que faziam uso intensivo de *hashtags* (categorização de rótulos identificados com um # inicial). #RebeliãoF era, acima de tudo, uma hashtag.



Escolher uma plataforma existente, externa e popular solucionava vários dos problemas que condenaram a Primeira Rebelião.

Em primeiro lugar, evitava o gravíssimo problema de ataques à plataforma. As grandes plataformas como a Plataforma T, mundiais e com centenas de milhões de usuários, já estavam preparadas para resistir. Nem o Estado em questão, nem os Estados vizinhos, nem todos juntos, estavam em condições de derrubar a Plataforma T.

Diretamente relacionado ao exposto, os custos de manutenção em dinheiro, tempo e energia cairiam drasticamente. O núcleo dos rebeldes poderia direcionar seus recursos para outros tipos de esforços, por exemplo, para sustentar o debate na opinião pública.

Por fim, também se evitavam os problemas de adoção de uma nova tecnologia, uma vez que muitos contribuintes já conheciam a Plataforma T, possuíam usuários e a utilizavam regularmente. De fato, boa parte deles eram os principais usuários da Plataforma T.

Como a Plataforma T seria usada? De uma forma muito simples.

A hashtag #RebeliãoF seria adicionada às mensagens rebeldes publicadas na plataforma. Este seria o principal identificador da nova etapa, tanto na Plataforma T, como nas restantes redes e no mundo offline.

Uma segunda hashtag sintetizaria a demanda dos contribuintes. Uma exigência típica poderia consistir na eliminação de um imposto específico (#Imposto1) ou na eliminação do débito automático de impostos integrados em processos fora do controle do contribuinte (#ImpostosSobControle), por exemplo os debitados no pagamento de salários ou serviços essenciais.

De fato, poderia acontecer que o imposto que foi exigido para ser eliminado estivesse fora do controle dos contribuintes, então uma terceira hashtag poderia ser o nome do imposto que não seria pago (#Imposto2) até que a demanda principal fosse cumprida.

Assim, uma mensagem na Plataforma T poderia ser a seguinte: “Eu me uno educadamente e pacificamente ao pedido de eliminação do #Imposto1. Resistência no #Imposto2. #RebeliãoF». O não pagamento do imposto 2 como forma de ação direta estaria implícito na mensagem. Outra mensagem poderia ser a seguinte: “O #Imposto3 é injusto e prejudicial. Ainda o estamos pagando, apesar de que há vinte anos foi criado de forma excepcional e temporária. #RebeliãoF».

É claro que essa proposta operacional era apenas uma primeira aproximação. A maior originalidade e sofisticação permaneceriam nas mãos dos usuários. Cada hashtag representava pelo menos uma proposta ou afirmação. Os usuários foram convidados a apoiá-los ou se expressar. A dinâmica de funcionamento mudaria de acordo com as necessidades impostas pelos acontecimentos.

Esse novo tratamento específico abdicava do controle e da precisão se comparado ao tratamento original, baseado em uma plataforma colaborativa própria, desenhada à medida para às necessidades dos rebeldes. No entanto, esses aspectos poderiam ser amortecidos e até mesmo transformados em benefícios.

Em relação ao controle, por exemplo, era verdade que a ferramenta não podia ser desenhada à medida, nem a comunidade de usuários poderia ser guiada em seu uso. Mas, ao mesmo tempo, além de menores custos de manutenção, esse design flexível baseado na plataforma T permitia a evolução autônoma da solução, graças ao empoderamento dos usuários.

Em termos de precisão, o uso da Plataforma T não permitia saber exatamente qual era o estado da situação, pois não havia controle sobre a plataforma ou suas estatísticas. No entanto, essa obscuridade analítica poderia ser resolvida em grande medida. Para isso, seria desenvolvido o Sistema de Relatórios, uma ferramenta acessória que se alimentaria dos dados fornecidos pela Plataforma T por meio de seus serviços de interface. Caso seja necessário esclarecer, o Sistema de Relatórios seria muito mais barato e crítico do que a plataforma colaborativa original. Pelas mesmas razões que no caso da Plataforma T, este sistema também seria montado em uma plataforma externa existente, a Plataforma G. O Sistema de Relatórios refletiria com o máximo de detalhes possível o estado do #RebeliãoF: nível de participação, evolução ao longo do tempo, novas propostas com maior crescimento, etc. Além disso, de forma integrada, também mostraria as informações oficiais sobre a arrecadação de impostos. Isso permitiria ter uma ideia sobre o real impacto da rebelião.

A #RebeliãoF não era, nem deveria ser, um movimento virtual e abstrato (essa foi uma das grandes críticas ao chamado *hashtag activism*). Pelo contrário, tinha que ser um movimento muito concreto: o pilar fundamental da rebelião era o não pagamento de impostos no mundo real. Se ele alcançasse seu objetivo, as consequências seriam revolucionárias.

Muito mais do que ocupar uma praça ou um prédio público, ou dezenas deles.

Para aqueles que pediam por mais rua, a hashtag #RebeliãoF representou uma excelente ferramenta de divulgação de rua. Os rebeldes estampariam (escreveriam, pintariam, desenhariam, imprimiriam, colariam etc.) a hashtag #RebeliãoF nas inúmeras telas oferecidas pelo espaço público, sempre cuidando para não danificá-lo. Afinal, a #RebeliãoF era um chamado para defender o público, seja fundos, espaços ou o futuro. Mas, além disso, a inteligência gestual foi uma ferramenta fundamental para ganhar o debate público. Por isso, as superfícies recomendadas para o carimbo da hashtag #RebeliãoF foram os grandes rostos dos políticos que inundaram os outdoors públicos.

Um dos grandes problemas da Primeira Rebelião havia sido o medo dos contribuintes de sofrer represálias do Estado. Era a própria história da humanidade: quem levantasse a cabeça corria o risco de ser decapitado. Era o mesmo que acontecia com qualquer tipo de manifestação pública, incluindo as tradicionais manifestações de rua. A solução também era a mesma: convencer os cidadãos de que as consequências da não mobilização seriam piores.

Jasmina assumiu um papel fundamental nesse sentido, liderando na linha de frente como os grandes generais da história. Falou alto e claro, em todos os lugares e diante de todos. Enfatizou o princípio elementar de que quanto mais rebeldes houvesse, menor seria o risco, menor o esforço e mais rápidos os resultados. Explicou que qualquer tipo de manifestação pública com a hashtag #RebeliãoF não constituía nenhum tipo de crime, mas sim parte do direito mais básico à liberdade de expressão. E se esse direito fosse violado, a rebelião cresceria ainda mais rápido. Além disso, o não pagamento de impostos não precisava ser aberto, linear e público. Os contribuintes receosos poderiam juntar-se desacelerando ao máximo o pagamento dos impostos, sem entrar em conflitos jurídicos com o Estado: pagar irregularmente, adiar, entrar em moratórias intermináveis, etc. Em uma palavra: esticar os pagamentos o máximo possível, até que algum governo decida ouvir a reclamação. Nesse ponto, os contribuintes teriam a oportunidade de retornar ao pagamento imediato e regular. Mesmo assim, ficou claro que se um milhão de contribuintes entrasse em conflito legal

com o Estado, o problema não seria deles, mas do Estado. E este último não teria escolha a não ser ceder.

Como sempre, o começo resultava ser a parte mais difícil. Sem dúvida, era fácil participar de uma manifestação que já contava com centenas de milhares de participantes, tanto no mundo real quanto no virtual. O verdadeiro desafio foi colocar a primeira dessas centenas de milhares em funcionamento. Muitas revoluções levaram anos para amadurecer. Era preciso começar sem esperar resultados imediatos. O esforço tinha que ser sustentado até que a faísca desencadeadora de fogueiras aparecesse, mas quando isso acontecesse a fogueira tinha que estar pronta para queimar.

A história sempre consegue ajudar os determinados. Talvez os contribuintes não tinham que decidir se juntar ao não pagamento de impostos, mas de repente se encontram nessa situação por motivos alheios à sua vontade. Por exemplo, pelas consequências da próxima grande crise econômica que, sem dúvida, voltaria enquanto a doença estatal sistêmica continuasse se instalando na sociedade. Ou talvez devido a uma crise econômica gerada por algum tipo de evento externo, inesperado e fortuito.

# Por fim, o fim

## Como me contactar

- Web. Versões digitais dos meus livros. Fazer download de forma gratuita em [jmguerrera.com.ar](http://jmguerrera.com.ar)
- Blog. Os relatos deste livro, traduções e mais, prontos para compartilhar: [medium.com/@jmguerrera](https://medium.com/@jmguerrera)
- Email. Para me escrever e contar o que você achou do livro: [jmguerrera@gmail.com](mailto:jmguerrera@gmail.com)
- Instagram. De vez em quando faço sorteios de livros. [@jmguerrera](https://www.instagram.com/jmguerrera)
- WhatsApp.  
[+54 9 11 2283 9356](tel:+5491122839356)

## Você pode ajudar muito se:

- Me escrever e me contar com total honestidade o que achou do livro. Sem dúvida, críticas positivas e negativas me ajudarão a melhorar no futuro. Os pontos a seguir são relevantes apenas se você gostou do livro.
- Contribuir com este «libro a la gorra» (ver página 1).
- Participar do financiamento coletivo (crowdfunding) dos meus próximos livros:
  - - Comprando livros assinados por adiantado.
  - - *Acompanhando* algum relato dos meus próximos livros. Desta forma, poderá concretizar o sonho sempre adiado de se tornar um (mini) patrono. Exemplos desse formato já podem ser encontrados neste mesmo livro, como notas de rodapé ao final das dois primeiros relatos.
- Fizer circular este livro.
- Me ajuda a distribuir meus livros entre seus amigos leitores. Eu posso te dar uma pilha de livros.
- Compartilhar nas redes sociais:
  - - Seus contos favoritos. Você encontra publicados no meu blog, googlá-los!
  - - Uma foto do livro.
- Deixar uma crítica do livro em plataformas como GoodReads
- Me colocar em contato com alguma editora que possa se interessar em publicar este livro, os anteriores ou os próximos.
- Me ajudar a traduzir os relatos para o seu idioma, sem importar quão extravagante seja.

## Outros livros de minha autoria

- *Punto Rosalía*.
- *Una aventura miserable*.
- *Esto no va a ser fácil*.
- *Sucesión de despertares en una ciudad desconocida*.
- *La maldad imperceptible*. Selección.

- *Libro del futuro.*
- *La ansiedad detrás de todo.*
- *Expulsado del País de los Lectores.*
- Livro em desenvolvimento, será publicado em 2022.
- Repito: podem baixar grátis no meu site.

## **Ilustração da capa**

O autor da maravilhosa ilustração da capa é Mariano Jofré. Ele gosta de desenhar e pintar. Sua conta no Instagram é @jofremariano.

## **Agradecimentos desta edição**

*«Agradeça à chama por sua luz ,  
mas não se esqueça do castiçal que, constante epaciente, sustenta-a na sombra. »  
Rabindranath Tagore*

Aos leitores por seu apoio.

À minha irmã Mer, pela revisão de todos os textos, mas também por me ajudar a buscar a profundidade que poderia haver neles. Nela admiro sua honestidade e coragem para enfrentar a verdade, começando pela própria. Recomendo seu blog «*Última estación: fideos con queso*» e seus livros de contos.

Ao meu amigo Mariano, por sua ajuda em todas as questões relacionadas ao desenho visual do livro. Sua humildade e generosidade são admiráveis.

À Oto, Luca, Gaby, Cami, Carla e Gerardo, pela ajuda em diferentes frentes deste livro.

À Caro y Olga, que ajudaram a traduzir alguns dos escritos para o inglês e russo. Essas traduções estão disponíveis no meu blog.

À Pablo, Lari y Corina, por utilizar este livro com seus alunos e compartilhar comigo suas experiências.

Ao meu amigo Gonza, que me apóia com seu permanente e pouco sério assessoramento; e com seu vinho de grande qualidade. À Ceci, também.

Aos meus pais, os incondicionais.

A todos os que me ajudaram no processo de criação do livro.

Aos que ainda não me ajudaram, mas que em breve o farão.

## **Breve biografía**

«..não há nudez mais genuína e terrível que a expressão artística, se é autêntica; já que toda obra de arte é uma autobiografía, não no sentido literal da palavra, mas no sentido mais profundo e grave: uma árvore de Van Gogh é Van Gogh, é sua própria e desnuda alma diante de nós.»

*Ernesto Sabato*

Se Sabato estiver certo, poderão me conhecer melhor lendo os contos deste livro do que as poucas linhas que seguem. Ainda assim, vou escrevê-las, porque meus conselheiros mais comprometidos insistiram com que «não encha o saco com Sabato e Van Gogh, a gente quer dados concretos».

Sempre escrevi, desde que aprendi a fazê-lo em 1989, na terna idade de seis anos. Comecei a publicar muito tempo depois, algo assim como aos dezoito. Primeiro, muito informalmente, com humildes fotocópias, depois em um jornal do bairro e mais tarde em um par de blogs. Entre 2016 e 2020, publiquei seis livros (cinco originais e uma seleção). Nunca participei de uma oficina literária, o que talvez explique o resultado deste livro, seja qual for. Não é que me oponha a fazer isso, ao contrário, mas sempre que tenho tempo para a literatura, prefiro dedicá-lo a escrever ou a ler.

Tampouco me oponho a publicar com uma editora, porém o trabalho de encontrá-la é um projeto em si, geralmente árduo e pouco relacionado à literatura. Por sorte, ou por determinação, existem caminhos alternativos.

Há muito tempo, quando publicava fotocópias, costumava participar de concursos literários. Porém já não faço isso, por várias razões, como o tedioso dos processos de participação e minha desconfiança instintiva e não justificada para com os jurados.

Por isso, ou porque não sou tão bom, não ganhei prêmios nem reconhecimentos desse estilo. Isso não me parece importante, mas são coisas que se costuma mencionar nas biografias.

Não vivo da literatura. Isso me facilita escrever e publicar com uma enorme liberdade, sem nenhum tipo de condicionamento.

Agora sim, os dados concretos. Nasci em Palermo, Buenos Aires, mas cresci no subúrbio. Em San Andrés, meu bairro. Ali fui parte do Colegio Agustiniano, do Club Tres de Febrero (onde me formei como Salva vidas), da Biblioteca Diego Pombo e da agrupación Vecinos de San Andrés. Mais tarde me formei em Engenharia de Informática (UBA). Em paralelo, fui aprovado no primeiro ano de Ciências Políticas (UBA). Formado, fundei duas pequenas empresas junto com meu amigo Mariano, nas quais trabalho até hoje: Glidea e Drupal Soul. Durante os últimos anos, fiz muitas viagens, principalmente pela América Latina, Europa, Ásia e América do Norte. Por último, o mais importante: estou muito feliz por escrever, publicar e compartilhar este livro com vocês.

## **Licencia de Cultura Livre**

Algo notável sobre esta edição é que ela é publicada sob uma licença Creative Commons muito aberta que se qualifica como uma «Licença de Cultura Livre». Isso significa que, sob os termos daquela licença, por exemplo, este livro pode ser fotocopiado ou editado livremente, inclusive para fins comerciais.

*Esta obra está sob uma Licencia Creative Commons Atribución – CompartirIgual 4.0 Internacional. Esta é uma Licença de Cultura Livre!*

## **Burocracia**

Um dos aspectos positivos da autopublicação é que se pode dar à burocracia o lugar quemerece: o pior de todos. Não o final, mas justo antes.

*Primeira edição impressa. Editado por Juan Manuel Guerrero en San Andrés, Buenos Aires, Argentina, durante Junho de 2021. Impreso em Argentina. Fica feito o depósito que establece a Lei 11.723.*

**Se já terminou de ler o livro, por favor passe-o :) Prometo continuar imprimindo exemplares até O Último Dia, tantos quantos puder, para que um deles chegue até você novamente.**



# Notas

[←1]

Em parte, você pôde ler esta história graças a Gabriela Wiesztort, que ao *acompanhá-lo* ajudou a financiar a impressão deste livro. Se quiser acompanhar uma história dos meus próximos livros, procure mais informações no final, na seção *Como colaborar*.

[←2]

Em parte, você pôde ler esta história graças a Anémona Anónima, que ao *acompanhá-lo* ajudou a financiar a impressão deste livro. Se quiser acompanhar uma história dos meus próximos livros, procure mais informações no final, na seção *Como colaborar*.